

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO OITO

O MAR DE FERRO



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



J A I M E

— Esperava que por esta altura já te tivesses fartado dessa deplorável barba. Todos esses pêlos deixam-te parecido com o Robert. — A irmã pusera de lado o luto em prol de um vestido cor de jade com mangas de renda de Myr prateada. Uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo pendia-lhe do pescoço num fio de ouro.

— A barba de Robert era preta. A minha é dourada.

— Dourada? Ou prateada? — Cersei arrancou um pêlo de debaixo do seu queixo e ergueu-o. Era grisalho. — Estás a perder a cor, irmão. Transformaste-te num fantasma do que eras, numa coisa pálida e aleijada. E tão exangue, sempre de branco. — Desembaraçou-se do pêlo com um piparote. — Prefiro-te vestido de ouro e carmesim.

Eu prefiro-te sarapintada de luz do sol, com gotículas de água na pele nua. Desejava beijá-la, levá-la para o quarto, atirá-la para a cama... ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua...

— Vou propor-te um negócio. Liberta-me deste dever, e a minha navalha está às tuas ordens.

A boca dela apertou-se. Tinha estado a beber vinho quente com especiarias e cheirava a noz-moscada.

— Ousas regatear comigo? Terei de te lembrar que juraste obedecer?

— Jurei proteger o rei. O meu lugar é a seu lado.

— O teu lugar é onde quer que ele te ordene que estejas.

— Tommen põe o selo em todos os papéis que tu pões na sua frente. Isto é obra tua e é uma loucura. Para quê nomear Daven o teu Protector do Oeste se não tens confiança nele?

Cersei sentou-se junto à janela. Por trás dela, Jaime conseguia ver as ruínas enegrecidas da Torre da Mão.

— Porquê tanta relutância, sor? Perdestes a coragem com a mão?

— Prestei um juramento à Senhora Stark de nunca mais pegar em armas contra os Stark ou os Tully.

— Uma promessa de bêbado feita com uma espada na garganta.

— Como poderei defender Tommen se não estiver com ele?

— Derrotando os seus inimigos. O pai sempre disse que um golpe rápido de espada é uma defesa melhor do que qualquer escudo. Admito que a maior parte dos golpes de espada precisam de uma mão. Apesar disso,

até um leão mutilado pode inspirar medo. Quero Correrrio. Quero Brynden Tully agrilhado ou morto. E alguém tem de pôr Harrenhal nos eixos. Temos necessidade urgente de Wylis Manderly, assumindo que ainda está vivo e cativo, mas a guarnição não respondeu a nenhum dos nossos corvos.

— Quem está em Harrenhal são homens de Gregor — fez-lhe lembrar Jaime. — A Montanha gostava deles cruéis e estúpidos. O mais provável é que tenham comido os teus corvos, com mensagens e tudo.

— É por isso que te estou a mandar lá. Podem comer-te também, valente irmão, mas confio que lhes causes indigestão. — Cersei alisou a saia. — Quero que seja Sor Osmund a comandar a Guarda Real na tua ausência.

... *ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

— Essa escolha não te pertence. Se eu tiver de ir, Sor Loras ficará aqui ao comando em meu nome.

— Isso é algum gracejo? Sabes o que eu sinto por Sor Loras.

— Se não tivesses mandado Balon Swann para Dorne...

— Preciso dele lá. Os dorneses não são dignos de confiança. Aquela serpente vermelha foi campeão de Tyrion, esqueceste-te disso? Não deixarei a minha filha à mercê deles. E *não* terei Sor Loras ao comando da Guarda Real.

— Sor Loras é três vezes melhor homem do que Sor Osmund.

— As tuas noções de virilidade mudaram um pouco, irmão.

Jaime sentiu a ira a aumentar.

— É verdade, Loras não te olha para as tetas como Sor Osmund, mas não penso...

— Pensa nisto. — Cersei esbofeteou-o.

Jaime não fez qualquer esforço para bloquear o golpe.

— Estou a ver que vou precisar de uma barba mais espessa, para me proteger das carícias da minha rainha. — Desejava arrancar-lhe o vestido e transformar-lhe os golpes em beijos. Já antes o fizera, na época em que tinha duas mãos.

Os olhos da rainha eram gelo verde.

— É melhor que vos vades embora, sor.

... *Lancel, Osmund Kettleblack, e o Rapaz Lua...*

— Além de mutilado, sois surdo? Encontrareis a porta atrás de vós, sor.

— Às vossas ordens. — Jaime girou nos calcanhares e deixou-a.

Algures, os deuses estavam a rir. Cersei nunca aceitara de bom grado ser contrariada, ele *sabia* disso. Palavras mais suaves poderiam tê-la feito mudar de ideias, mas nos últimos tempos bastava vê-la para se sentir irritado.

Parte de si ficaria contente por pôr Porto Real atrás das costas. Em nada lhe agradava a companhia dos lambe-botas e dos tolos que rodeavam Cersei. “O mais pequeno conselho” era como lhes andavam a chamar no Fundo das Pulgas, de acordo com Addam Marbrand. E Qyburn... podia ter salvo a vida de Jaime, mas não deixava de ser um Saltimbanco Sangrento.

— Qyburn fede a segredos — dissera a Cersei, num aviso. Isso limitara-se a fazê-la rir.

— Todos nós temos segredos, irmão — respondera.

... *ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

Quarenta cavaleiros e outros tantos escudeiros esperavam-no à porta dos estábulos da Fortaleza Vermelha. Metade eram ocidentais ajuramentados à Casa Lannister, os outros inimigos recentes transformados em amigos duvidosos. Sor Dermot da Mata de Chuva levaria o estandarte de Tommen, o Ronnet Vermelho Connington a bandeira branca da Guarda Real. Um Paege, um Piper, e um Peckledon partilhariam a honra de servir o Senhor Comandante como escudeiros.

— Mantém os amigos atrás de ti e os inimigos onde os possas ver — aconselhara-o um dia Sumner Crakehall. Ou teria sido o pai?

O seu palafrém era um baio sanguíneo, e o corcel de batalha um magnífico garanhão cinzento. Tinham-se passado longos anos desde a última vez que Jaime dera nomes a qualquer um dos seus cavalos; vira muitos morrer em batalha, e isso tornava-se mais duro quando lhes eram dados nomes. Mas quando o rapaz Piper começou a chamar-lhes Honra e Glória, riu-se e deixou que os nomes pegassem. Glória usava arreios do carmim Lannister; Honra estava ajaezado com o branco da Guarda Real. Josmyn Peckledon segurou nas rédeas do palafrém quando Sor Jaime montou. O escudeiro era magro como uma lança, com longos braços e pernas, um cabelo oleoso de um castanho de rato, e bochechas cobertas por uma suave penugem de pêssego. O seu manto ostentava o carmim Lannister, mas o sobretudo mostrava as dez moletas púrpura da sua Casa, dispostas em fundo de amarelo.

— Senhor — perguntou o rapaz — querereis a vossa nova mão?

— Usai-a, Jaime — instou Sor Kennos de Kayce. — Acenai aos plebeus e dai-lhes algo para contar aos filhos.

— Penso que não. — Jaime não queria mostrar à multidão uma mentira dourada. *Que vejam o coto. Que vejam o aleijado.* — Mas ficai à vontade para compensar a minha falta, Sor Kennos. Acenai com ambas as mãos e sacudi os pés, se vos aprouver. — Pegou nas rédeas com a mão esquerda e deu meia volta ao cavalo. — Payne — chamou enquanto os outros formavam — seguireis a meu lado.

Sor Ilyn Payne abriu caminho até junto de Jaime, parecendo um pedinte num baile. A sua cota de malha estava velha e enferrujada, e era usada sobre uma jaqueta manchada de couro fervido. Nem o homem nem a sua montada ostentavam símbolos heráldicos; o escudo estava tão amolgado e fendido que era difícil dizer de que cor teria sido a tinta que em tempos o cobrira. Com a sua cara severa e olhos vazios e encovados, Sor Ilyn podia ter passado pela própria morte... e fora o que fizera, durante anos.

Mas já não. Sor Ilyn constituía metade do preço de Jaime por engolir a ordem do seu rei rapaz como um bom Menino Comandante. A outra metade fora Sor Addam Marbrand.

— Preciso deles — dissera à irmã, e Cersei não resistira. *O mais certo é estar satisfeita por se livrar deles.* Sor Addam era amigo de infância de Jaime, e o carrasco silencioso fora um homem do pai de ambos, se é que era homem de alguém. Payne fora capitão da guarda da Mão quando alguém o ouvira numa vanglória de que era o Lorde Tywin quem governava os Sete Reinos e dizia ao Rei Aerys o que fazer. Aerys Targaryen cortara-lhe a língua por isso.

— Abri os portões — disse Jaime, e o Varrão-Forte, com a sua voz trovejante, gritou:

— *ABRI OS PORTÕES!*

Quando Mace Tyrell se pusera em marcha através do Portão da Lama ao som de tambores e rabecas, milhares de pessoas encheram as ruas para o aclamar. Rapazinhos tinham-se juntado à marcha, caminhando ao lado dos soldados Tyrell com cabeças erguidas e elevando bem as pernas, enquanto as irmãs desses rapazes atiravam beijos das janelas.

Mas naquele dia era diferente. Algumas rameiras gritavam convites à passagem dos homens, e um vendedor de pastéis de carne apregoava a mercadoria. Na Praça do Sapateiro dois pardais esfarrapados estavam a arengar perante várias centenas de plebeus, clamando pela danação de homens sem deus e adoradores de demónios. A multidão abriu alas para deixar passar a coluna. Tanto pardais como sapateiros os observaram com olhos carregados.

— Gostam do cheiro das rosas mas não sentem amizade pelos leões — observou Jaime. — A minha irmã faria bem em tomar nota disso. — Sor Ilyn não lhe deu resposta. *O companheiro perfeito para uma longa cavalgada. Vou apreciar a sua companhia.*

A maior parte das suas tropas esperava-o para lá das muralhas da cidade; Sor Addam Marbrand com os seus batedores, Sor Steffon Swyft e o comboio logístico, a Santa Centena do velho Sor Bonifer, o Bom, os arqueiros a cavalo de Sarsfield, o Mestre Gulian com quatro gaiolas cheias de corvos, duas centenas de cavaleiros pesados sob o comando de Sor Flement

Brax. Somando tudo, não era uma grande hoste; menos de mil homens ao todo. Um grande número era a última coisa necessária em Correrrio. Um exército Lannister já investia sobre o castelo, bem como uma força ainda maior dos Frey; a última ave que tinham recebido sugeria que os sitiados estavam a ter dificuldades em manterem-se alimentados. Brynden Tully deixara o terreno limpo antes de retirar para o interior das suas muralhas.

Não que precisasse de grande limpeza. Pelo que Jaime vira das terras fluviais, quase não havia campo de cultivo que permanecesse por queimar, vila por saquear e donzela por espoliar. *E agora a minha querida irmã manda-me acabar o trabalho que Amory Lorch e Gregor Clegane começaram.* Aquilo deixava-lhe um sabor amargo na boca.

Tão perto de Porto Real, a estrada do rei era tão segura como qualquer estrada podia ser em tempos como aqueles, mas Jaime enviou na mesma Marbrand e os seus batedores em frente.

— Robb Stark apanhou-me desprevenido no Bosque dos Murmúrios — disse. — Isso nunca mais voltará a acontecer.

— Tendes a minha palavra quanto a isso. — Marbrand parecia visivelmente aliviado por estar de novo a cavalo, usando o manto de um cinzento fumarento da sua Casa em vez da lã dourada da Patrulha da Cidade. — Se algum inimigo se aproximar mais do que uma dúzia de léguas, ficareis a saber sobre ele de antemão.

Jaime ordenara severamente que nenhum homem se devia afastar da coluna sem a sua licença. Se assim não fosse, sabia que teria jovens fidalgores aborrecidos a fazer corridas pelos campos, espalhando gado e espezinhando as culturas. Ainda se viam vacas e ovelhas perto da cidade; maçãs nas árvores e bagas nos arbustos, searas de cevada, aveia e trigo de Inverno, carroças e carros de bois na estrada. Mais adiante, as coisas não seriam tão rosadas.

Avançando à frente da hoste com Sor Ilyn silencioso a seu lado, Jaime sentiu-se quase satisfeito. O sol estava quente nas suas costas e o vento afagava-lhe o cabelo como os dedos de uma mulher. Quando o Lew Pequeno Piper se aproximou a galope com um elmo cheio de amoras silvestres, Jaime comeu uma mão-cheia e disse ao rapaz para partilhar o resto com os outros escudeiros e Sor Ilyn Payne.

Payne parecia tão confortável no seu silêncio como na sua cota de malha ferrugenta e couro fervido. O ruído dos cascos do seu castrado e o chocalhar da espada na bainha sempre que se movia na sela eram os únicos sons que emitia. Embora a sua cara marcada pelas bexigas fosse severa e os seus olhos frios como gelo num lago de Inverno, Jaime sentia que o homem estava satisfeito por ter vindo. *Dei-lhe uma escolha,* recordou a si próprio. *Ele podia ter-me dito que não e continuado como magistrado do rei.*

A nomeação de Sor Ilyn fora um presente de casamento de Robert Baratheon para o pai da sua noiva, uma sinecura para compensar Payne pela língua que perdera ao serviço da Casa Lannister. Ele dava um magnífico carrasco. Nunca estragara uma execução, e raramente precisava de um segundo golpe. E havia algo no seu silêncio que inspirava terror. Raramente tinha um magistrado do rei parecido ser tão adequado ao seu cargo.

Quando Jaime decidiu levá-lo consigo, procurara os aposentos de Sor Ilyn, na ponta do Passeio do Traidor. O andar superior da torre atarracada e semicircular estava dividido em celas para prisioneiros que precisassem de algum grau de conforto, cavaleiros cativos ou fidalgos à espera de resgate ou troca. A entrada para as masmorras propriamente ditas ficava ao nível do chão, atrás de uma porta de ferro martelado e de uma segunda porta de madeira cinzenta e lascada. Nos andares intermédios ficavam quartos guardados para o uso do Carcereiro-Chefe, para o Senhor Confessor e para o Magistrado do Rei. O Magistrado era um carrasco, mas por tradição estava também encarregue das masmorras e dos homens que nelas trabalhavam.

E Sor Ilyn Payne era singularmente pouco adequado para essa tarefa. Como não sabia ler nem escrever, e não podia falar, Sor Ilyn deixara o governo das masmorras aos seus subordinados, fossem eles quem fossem. Porém, o reino não tinha um Senhor Confessor desde o segundo Daeron, e o último Carcereiro-Chefe fora um mercador de tecidos que comprara o cargo ao Mindinho durante o reinado de Robert. Sem dúvida que teve um bom lucro com ele durante alguns anos, até cometer o erro de conspirar com mais alguns palermas ricos para entregar o trono a Stannis. Chamavam a si próprios “Homens Chifrudos”, e Joff pregara-lhe hastes à cabeça antes de os atirar por cima das muralhas da cidade. Portanto recaíra em Rennifer Longwaters, o chefe dos carcereiros de segunda de costas tortas que afirmava com entediante abundância de pormenores ter em si uma “gota de dragão”, a tarefa de destrancar as portas das masmorras para Jaime entrar e conduzi-lo pelos estreitos degraus que subiam por dentro das paredes até ao local onde Ilyn Payne vivera durante quinze anos.

Os aposentos fediam a comida apodrecida, e as esteiras estavam cobertas de bicharada. Quando Jaime entrou, quase pisou uma ratazana. A espada longa de Payne repousava sobre uma mesa de montar, ao lado de uma pedra de amolar e de um oleado sebento. O aço mostrava-se imaculado, com o gume a cintilar, azul, à luz pálida, mas noutros pontos havia pilhas de roupa suja espalhadas pelo chão, e os bocados de cota de malha e armadura espalhados por aqui e por ali estavam rubros de ferrugem. Jaime não conseguiu contar os jarros de vinho quebrados. *O homem não tem interesse por nada além de matar*, pensou, no momento em que Sor Ilyn emergia de um quarto que fedia a penicos a transbordar.

— Sua Graça pede-me que lhe reconquiste as terras fluviais — disse-lhe Jaime. — Gostaria de vos ter comigo... caso consigais aguentar a ideia de desistir de tudo isto.

A sua resposta foi o silêncio, e um longo olhar sem pestanejar. Mas no momento em que se preparava para se virar e ir-se embora, Payne fizera-lhe um aceno. *E aqui vem ele.* Jaime deitou um relance ao seu companheiro. *Talvez ainda haja esperança para ambos.*

Nessa noite acamparam à sombra do castelo dos Hayford, que se erguia no cume de uma colina. Enquanto o sol descia, uma centena de tendas brotou na base da colina, ao longo das margens do ribeiro que corria junto a ela. Foi o próprio Jaime a posicionar as sentinelas. Não esperava problemas tão perto da cidade, mas o tio Stafford também se julgara um dia em segurança em Cruzaboi. Era melhor não correr riscos.

Quando o convite para jantar com o castelão da Senhora Hayford desceu do castelo, Jaime levou consigo Sor Ilyn, bem como Sor Addam Marbrand, Sor Bonifer Hasty, o Ronnet Vermelho Connington, o Varrão Forte e uma dúzia de outros cavaleiros e fidalgos.

— Suponho que devia usar a mão — disse a Peck antes de iniciar a subida.

O rapaz foi imediatamente buscá-la. A mão era esculpida em ouro, muito semelhante a uma mão verdadeira, com unhas de madrepérola nela embutidas e os dedos e polegar meio fechados, a fim de poder com eles rodear a haste de um cálice. *Não posso lutar, mas posso beber,* reflectiu Jaime enquanto o rapaz apertava as correias que lhe prendiam a mão ao coto.

— Deste dia em diante, os homens chamar-vos-ão Mão-d'Ouro, senhor — assegurara-lhe o armeiro da primeira vez que a encaixara no pulso de Jaime. *Enganava-se. Serei Regicida até morrer.*

A mão de ouro foi motivo de muitos comentários de admiração durante o jantar, pelo menos até Jaime derrubar um cálice de vinho. Então foi dominado pelo mau génio.

— Se admirais assim tanto esta maldita coisa, cortai a mão da espada e podeis ficar com ela — disse a Flement Brax. Depois daquilo não houve mais conversas acerca da mão, e logrou beber em paz um pouco de vinho.

A senhora do castelo era uma Lannister pelo casamento, uma bebé rechonchuda que fora casada com Tyrek, primo de Jaime, antes de completar um ano. A Senhora Ermesande foi trazida para a aprovação do grupo, como era próprio, toda entrouxada num pequeno vestido de pano de ouro com o fretado verde e a pala ondeada verde da Casa Hayford desenhados com minúsculas contas de jade. Mas a rapariga depressa começou a guinchar, após o que foi rapidamente enxotada para a cama pela ama-de-leite.

— Não houve notícias do nosso Senhor Tyrek? — perguntou o seu castelão enquanto era servido um prato de truta.

— Nenhuma. — Tyrek Lannister desaparecera durante os tumultos em Porto Real, enquanto Jaime estava cativo em Correrrio. O rapaz teria catorze anos por aquela altura, assumindo que ainda estava vivo.

— Eu próprio liderei uma busca, por ordens do Lorde Tywin — interveio Addam Marbrand enquanto tirava as espinhas ao seu peixe — mas não descobri mais do que o Bywater antes de mim. O rapaz foi visto pela última vez a cavalo, quando a pressão da turba quebrou a linha de homens de mantos dourados. Depois disso... bem, o seu palafrém foi encontrado, mas o cavaleiro não. O mais certo é terem-no derrubado e morto. Mas se assim foi, onde está o corpo? A multidão deixou os outros cadáveres no local, porque não o dele?

— Ele teria sido mais valioso vivo — sugeriu o Varrão Forte. — Qualquer Lannister traria um robusto resgate.

— Sem dúvida — concordou Marbrand — e no entanto nunca houve um pedido de resgate. O rapaz simplesmente desapareceu.

— O rapaz está morto. — Jaime bebera três taças de vinho e a sua mão dourada parecia ir-se tornando mais pesada e desajeitada a olhos vistos. *Um gancho servir-me-ia igualmente bem.* — Se compreenderam quem mataram, sem dúvida que o atiraram ao rio com medo da ira do meu pai. Em Porto Real conhecem o sabor que ela tinha. O Lorde Tywin sempre pagou as suas dívidas.

— Sempre — concordou o Varrão Forte, e isso foi o fim da conversa.

Mas mais tarde, sozinho no quarto de torre que lhe fora oferecido para a noite, Jaime deu por si com dúvidas. Tyrek servira o Rei Robert como escudeiro, ao lado de Lancel. O conhecimento podia ser mais valioso do que o ouro, mais mortífero do que um punhal. Foi em Varys que então pensou, sorrindo e cheirando a lavanda. O eunuco tinha agentes e informadores por toda a cidade. Seria coisa simples arranjar as coisas de forma a que Tyrek fosse capturado durante a confusão... desde que soubesse de antemão que era provável que a turba entrasse em tumulto. *E Varys sabia de tudo, ou pelo menos era nisso que gostava de nos fazer acreditar. Mas não deu qualquer aviso a Cersei acerca desse tumulto. Nem desceu aos navios para se despedir de Myrcella.*

Abriu as portadas. A noite estava a ficar fria, e uma lua cornuda calvava o céu. A sua mão brilhava, baça, à luz que ela deitava. *Não serve para esganar eunucos, mas é suficientemente pesada para transformar aquele sorriso viscoso numa bela ruína vermelha.* Queria bater em alguém.

Jaime foi encontrar Sor Ilyn a amolar a espada.

— Está na altura — disse ao homem. O carrasco ergueu-se e se-

guiu-o, arrastando as botas de couro rachado pelos íngremes degraus de pedra enquanto desciam a escada. Um pequeno pátio abria-se junto ao armeiro. Jaime encontrou aí dois escudos, dois meios-elmos e um par de espadas embotadas de torneio. Entregou uma a Payne e pegou na outra com a mão esquerda enquanto enfiava a direita nas presilhas do escudo. Os seus dedos de ouro eram suficientemente curvos para enganchar, mas não podiam agarrar, de modo que o seu controlo sobre o escudo era pouco firme. — Fostes em tempos um cavaleiro, sor — disse Jaime. — Eu também. Vejamos o que somos agora.

Sor Ilyn ergueu a lâmina em resposta, e Jaime atirou-se imediatamente ao ataque. Payne estava tão enferrujado como a sua cota de malha, e não era tão forte como Brienne, mas parou todos os golpes com a sua lâmina, ou interpôs o escudo. Dançaram sob o crescente de lua enquanto as espadas embotadas cantavam a sua canção de aço. O cavaleiro silencioso contentou-se por algum tempo em deixar que Jaime liderasse a dança, mas por fim começou a responder a cada golpe com um seu. Assim que passou ao ataque, atingiu Jaime na coxa, no ombro, no antebraço. Fez-lhe a cabeça ressoar por três vezes com golpes atirados ao elmo. Uma cutilada arrancou-lhe o escudo do braço direito, e quase rebentou as correias que prendiam a mão de ouro ao coto. Quando baixaram as espadas, Jaime estava cheio de nódoas negras e dorido, mas o vinho fora queimado e tinha a cabeça limpa.

— Voltaremos a dançar — prometeu a Sor Ilyn. — Amanhã, e no dia seguinte. Dançaremos todos os dias, até que eu seja tão bom com a mão esquerda como fui com a direita.

Sor Ilyn abriu a boca e soltou um som seco. *Uma gargalhada*, compreendeu Jaime. Algo retorceu-se-lhe nas tripas.

Ao chegar a manhã, nenhum dos outros teve a ousadia de fazer menção às suas nódoas negras. Ao que parecia, nem um ouvira o som das espadas na noite. Mas quando voltaram a descer dos cavalos para acampar, o Lew Pequeno Piper deu voz à pergunta que cavaleiros e fidalgos não se atreviam a colocar. Jaime sorriu-lhe.

— Na Casa Hayford têm moças cheias de luxúria. Isto são mordidas de amor, rapaz.

Outro dia luminoso e ventoso foi seguido por um enevoado, e depois houve três dias de chuva. O vento e a água não tinham importância. A coluna manteve o ritmo, para norte ao longo da estrada do rei, e todas as noites Jaime encontrava algum local recatado para arranjar mais mordidas de amor. Lutaram dentro de um estábulo observados por uma mula zarolha, e na adega de uma estalagem entre os barris de vinho e cerveja. Lutaram na concha enegrecida de um grande celeiro de pedra, numa ilha arborizada

num ribeiro pouco profundo, e num campo aberto enquanto a chuva tamborilava suavemente nos seus elmos escudos.

Jaime arranjava desculpas para os seus devaneios nocturnos, mas não era insensato ao ponto de pensar que os outros acreditavam nelas. Addam Marbrand sabia certamente o que ele andava a fazer, e alguns dos seus outros capitães deviam suspeitar. Mas nenhum falou do assunto ao alcance dos seus ouvidos... e como à única testemunha faltava uma língua, não tinha de temer que alguém ficasse a saber exactamente quão inepto se tornara o Regicida com a espada.

Em breve se viam sinais da guerra por todo o lado. Ervas daninhas, espinheiros e matagais cresciam tão altos como a cabeça de um cavalo em campos onde o trigo de Outono devia estar a maturar, a estrada do rei estava despojada de viajantes, e lobos governavam o fatigado mundo do crepúsculo à alvorada. A maior parte dos animais era suficientemente cautelosa para manter a distância, mas um dos batedores de Marbrand viu o cavalo ser perseguido e morto quando desmontou para urinar.

— Nenhum animal teria tamanha ousadia — declarou Sor Bonifer, o Bom, com tristeza na cara austera. — Isto são demónios em pele de lobos, enviados para nos castigar pelos nossos pecados.

— Então este deve ter sido um cavalo invulgarmente pecador — disse Jaime, em pé junto ao que restava do pobre animal. Deu ordens para que o resto da carcaça fosse cortada e salgada; poderiam vir a precisar da carne.

Num lugar chamado Corno de Porca encontraram um velho e rijo cavaleiro chamado Sor Roger Hogg, que defendia teimosamente a sua torre com seis homens de armas, quatro besteiros e uma vintena de camponeses. Sor Roger era tão grande e hirsuto como um porco de engorda e Sor Kennos sugeriu que podia ser algum Crakehall perdido, visto que o símbolo deles era um varrão malhado. O Varrão Forte pareceu acreditar e passou uma intensa hora a interrogar Sor Roger acerca dos seus ancestrais.

Jaime estava mais interessado no que Hogg tinha a dizer sobre os lobos.

— Tivemos alguns problemas com um bando daqueles lobos da estrela branca — disse-lhe o velho cavaleiro. — Vieram por aí a farejar o vosso rasto, senhor, mas nós corremos com eles, e enterrámos três lá em baixo ao pé dos nabos. Antes deles houve um grupo de malditos leões, com a vossa licença. Aquele que os liderava tinha uma mantícora no escudo.

— Sor Amory Lorch — esclareceu Jaime. — O senhor meu pai ordenou-lhe que assolasse as terras fluviais.

— Às quais nós não pertencemos — disse resolutamente Sor Roger Hogg. — A minha lealdade é devida à Casa Hayford, e a Senhora Ermesande dobra o seu pequeno joelho a Porto Real, ou fá-lo-á assim que tenha

idade para andar. Eu disse-lhe isso, mas esse Lorch não era grande ouvinte. Matou metade das minhas ovelhas e três boas cabras leiteiras, e tentou assar-me na minha torre. Mas as minhas muralhas são de pedra sólida com dois metros e meio de espessura, de modo que depois do fogo se apagar foi-se embora aborrecido. Os lobos vieram depois, aqueles de quatro patas. Comeram as ovelhas que a mantícora me deixou. Fiquei com algumas boas peles como recompensa, mas peles não enchem a barriga de ninguém. O que devemos fazer, senhor?

— Plantai — disse Jaime — e rezai por uma última colheita. — Não era resposta prestável, mas era a única que podia dar.

No dia seguinte, a coluna atravessou o ribeiro que formava a fronteira entre as terras que deviam lealdade a Porto Real e aquelas obrigadas a Correrrio. O Mestre Gulian consultou um mapa e anunciou que aqueles montes pertenciam aos irmãos Wode, um par de cavaleiros com terras, ajuramentados a Harrenhal... mas os fortes *deles* tinham sido construídos de terra e madeira, e só restavam vigas enegrecidas.

Não apareceu nenhum Wode, nem nenhum dos seus plebeus, embora alguns foras-da-lei se tivessem abrigado na cave por baixo da fortaleza do segundo irmão. Um deles usava as ruínas de um manto carmesim, mas Jaime enforcou-o com os outros. Soube-lhe bem. Aquilo era justiça. *Habitua-te a isso, Lannister, e um dia os homens talvez te chamem Mão-d'Ouro, afinal. Mão-d'Ouro, o Justo.*

O mundo foi ficando mais cinzento à medida que se aproximavam de Harrenhal. Avançavam sob céus de ardósia, ao lado de águas que brilhavam, velhas e frias como uma folha de aço batido. Jaime deu por si a perguntar a si próprio se Brienne teria passado por ali antes dele. *Se ela pensou que Sansa Stark se dirigiu a Correrrio...* Caso tivessem encontrado outros viajantes, podia ter parado para perguntar se algum teria por acaso visto uma donzela bonita com cabelo ruivo, ou uma grande e feia com uma cara capaz de coalhar leite. Mas não havia nada nas estradas a não ser lobos, e os seus uivos não continham respostas.

As torres da loucura do Harren Negro surgiram por fim do outro lado das águas de peltre do lago, cinco dedos negros retorcidos, pedra deformada que se estendia para o céu. Embora o Mindinho tivesse sido nomeado Senhor de Harrenhal, parecia não ter grande pressa de ocupar os seus novos domínios, e assim coube a Jaime Lannister “pôr em ordem” Harrenhal a caminho de Correrrio.

Não duvidava de que o castelo necessitava de ser posto em ordem. Gregor Clegane arrancara o imenso e sombrio castelo aos Saltimbancos Sangrentos antes de Cersei o chamar a Porto Real. Sem dúvida que os homens da Montanha continuavam a chocalhar lá por dentro como outras

tantas ervilhas secas no interior de uma armadura, mas não eram os homens ideais para devolver o Tridente à paz do rei. A única paz que o bando de Sor Gregor alguma vez dera a alguém era a paz da sepultura.

Os batedores de Sor Addam tinham relatado que os portões de Harrenhal se encontravam fechados e trancados. Jaime enfileirou os seus homens à frente deles e ordenou a Sor Kennos de Kayce para fazer soar o Corno de Herrock, negro, retorcido e ligado com ouro velho.

Depois de três sopros terem ecoado nas muralhas, ouviram o gemido de dobradiças de ferro e os portões abriram-se lentamente. As muralhas da loucura do Harren Negro eram tão espessas que Jaime passou por baixo de uma dúzia de alçapões antes de emergir à súbita luz do sol no pátio onde dissera adeus aos Saltimbancos Sangrentos não havia assim tanto tempo como isso. Ervas daninhas brotavam da terra bem batida, e moscas zumbiam em volta da carcaça de um cavalo.

Uma mão-cheia dos homens de Sor Gregor emergiu das torres para o ver desmontar; homens de olhos e bocas duras, todos eles. *Tinham de ser, para acompanhar a Montanha.* O melhor que podia ser dito dos homens de Gregor era que não eram propriamente um bando tão vil e violento como os Bravos Companheiros.

— Que eu seja fodido, o Jaime Lannister — exclamou um homem de armas cinzento e grisalho. — É o raio do Regicida, rapazes. Que eu seja fodido com uma lança!

— E tu vens a ser quem? — perguntou Jaime.

— O Sor costumava chamar-me Boca de Merda, se aprover ao s'nhor. — Cuspiu nas mãos e limpou a cara com elas, como se aquilo de algum modo o deixasse mais apresentável.

— Encantador. És tu quem comanda aqui?

— Eu? Não, merda. S'nhor. Que me enrabem com a porra duma lança. — O Boca de Merda tinha na barba migalhas suficientes para alimentar a guarnição. Jaime teve de se rir. O homem tomou aquilo como encorajamento. — Que me enrabem com a porra duma lança — voltou a dizer, e também se pôs a rir.

— Ouvistes o homem — disse Jaime a Ilyn Payne. — Arranjai uma boa e longa lança e enfiai-lha pelo cu acima.

Sor Ilyn não tinha uma lança, mas o Jon Imberbe Bettley atirou-lhe uma de bom grado. O riso ébrio do Boca de Merda parou abruptamente.

— Mantém a merda dessa coisa longe de mim.

— Vê se te decides — disse Jaime. — Quem tem aqui o comando? Sor Gregor nomeou um castelão?

— Polliver — disse outro homem — só que o Cão de Caça o matou, s'nhor. A ele e ao Cócegas, e àquele moço Sarsfield.

Outra vez o Cão de Caça.

— Sabes que foi Sandor? Viste-o?

— Nós não, s'nhor. O estalajadeiro disse-nos.

— Aconteceu na estalagem do entroncamento, senhor. — Quem falou foi um homem mais novo, com um matagal de cabelo cor de areia. Usava a corrente de moedas que em tempos pertencera a Vargo Hoat; moedas de meia centena de cidades distantes, de prata e ouro, de cobre e bronze, moedas quadradas e moedas redondas, triângulos e anéis e bocados de osso. — O estalajadeiro jurou que o homem tinha um lado da cara todo queimado. As rameiras dele contaram a mesma história. Sandor tinha um rapaz qualquer com ele, um moço esfarrapado do campo. Fizeram Polly e o Cócegas em bocados sangrentos e foram-se embora pelo Tridente abaixo.

— Mandastes homens atrás deles?

O Boca de Merda franziu o sobrolho, como se a ideia fosse dolorosa.

— Não, s'nhor. Que nos fodam a todos, não mandámos.

— Quando um cão enlouquece, corta-se-lhe a garganta.

— Bem — disse o homem, esfregando a boca — eu nunca gostei muito do Polly, esse merdas, e o cão, o gajo era irmão do Sor, de modo que...

— Nós somos maus, s'nhor — interrompeu o homem que usava as moedas — mas é preciso ser doido para enfrentar o Cão de Caça.

Jaime olhou-o de cima a baixo. *Mais ousado do que os outros, e não tão bêbado como o Boca de Merda.*

— Tivestes medo dele.

— Eu não diria *medo*, s'nhor. Diria que o 'távamos a deixar para homens melhores que nós. Para alguém como o Sor. Ou vós.

Eu, quando tinha duas mãos. Jaime não se iludia. Agora Sandor trataria dele em dois tempos.

— Tens nome?

— Rafford, se aprouver. A maioria chama-me Raff.

— Raff, reúne a guarnição no Salão das Cem Lareiras. Os cativos também. Vou querer vê-los. Incluindo aquelas rameiras da encruzilhada. Oh, e Hoat. Fiquei perturbado quando soube que morreu. Gostava de ver a sua cabeça.

Quando lha trouxeram, descobriu que os lábios do Bode tinham sido cortados, tal como as orelhas e a maior parte do nariz. Os corvos tinham jantado os seus olhos. Mas ainda era possível reconhecer-se ali o Hoat. Jaime conheceria a sua barba em qualquer parte; uma absurda corda de pêlos com sessenta centímetros de comprimento, que pendia de um queixo pontiagudo. Além disso, só algumas fitas de pele com textura de couro ainda aderiam ao crânio do qohorik.

— Onde está o resto dele? — perguntou.

Ninguém lhe queria dizer. Por fim, o Boca de Merda baixou os olhos, e resmungou:

— Apodreceu, sor. E foi comido.

— Um dos cativos andava sempre a pedinchar comida — admitiu Rafford — de modo que o Sor disse para lhe dar bode assado. Mas o qohorik não tinha lá muita carne. O Sor cortou-lhe primeiro as mãos e os pés, depois os braços e as pernas.

— O paneleiro gordo ficou com a maior parte, s'nhor — esclareceu o Boca de Merda — mas o Sor disse para a gente tratar de que todos os cativos provassem um bocadinho. E o próprio Hoat também. Aquele filho da puta babava-se quando a gente lha dava de comer, e a gordura corria por aquela barba fininha que ele tinha.

Pai, pensou Jaime, *ambos os teus cães enlouqueceram*. Deu por si a recordar histórias que ouvira pela primeira vez em criança, no Rochedo Casterly, sobre a louca Senhora Lothston que se banhava em banheiras de sangue e presidia a banquetes de carne humana dentro daquelas mesmas muralhas.

De algum modo, a vingança perdera o sabor.

— Leva isto e deita-a ao lago. — Jaime atirou a cabeça de Hoat a Peck, e voltou-se para se dirigir à guarnição. — Até que o Lorde Petyr chegue para reclamar os seus domínios, Sor Bonifer Hasty controlará Harrenhal em nome da coroa. Aqueles de vós que o desejem podem juntar-se-lhe, se ele vos quiser. O resto seguirá comigo para Correrrio.

Os homens da Montanha olharam uns para os outros.

— Nós estamos à espera de pagamento — disse um. — Foi promessa do Sor. Ricas recompensas, disse ele.

— Foram as palavras dele — concordou o Boca de Merda. — *Ricas recompensas para quem seguir comigo*. — Uma dúzia de outros pôs-se a clamar o seu acordo.

Sor Bonifer ergueu uma mão enluvada.

— Qualquer homem que permaneça comigo terá uma jeira de terra para trabalhar, uma segunda jeira quando tomar esposa, uma terceira quando o seu primeiro filho nascer.

— Terra, sor? — O Boca de Merda cuspiu. — Cagando p'ra isso. Se quiséssemos fossar na porra da terra, bem podíamos ter ficado em casa, ou o raio, com a vossa licença, sor. *Ricas recompensas*, disse o Sor. Querendo dizer ouro.

— Se tiverdes motivo de queixa, ide a Porto Real e levai-a à minha querida irmã. — Jaime virou-se para Rafford. — Quero ver agora esses cativos. Começando por Sor Wylis Manderly.

— É o gordo? — perguntou Rafford.

— Espero piamente que sim. E não me conteis tristes histórias sobre como ele morreu, senão todo o vosso bando é capaz de fazer o mesmo.

Quaisquer esperanças que pudesse ter nutrido de encontrar Shagwell, Pyg ou Zollo a definhar nas masmorras foram tristemente desiludidas. Os Bravos Companheiros tinham abandonado Vargo Hoat até ao último homem, aparentemente. Do pessoal da Senhora Whent só restavam três: o cozinheiro que abrira a poterna a Sor Gregor, um armeiro corcunda chamado Ben Blackthumb, e uma rapariga chamada Pia, que já não era nem de perto tão bonita como fora da última vez que Jaime a vira. Alguém lhe quebrara o nariz e lhe fizera saltar metade dos dentes. A rapariga caiu aos pés de Jaime quando o viu, soluçando e agarrando-se-lhe à perna com uma força histérica até que o Varrão Forte a obrigou a soltá-la.

— Ninguém te fará mal agora — disse-lhe, mas isso só a fez soluçar mais alto.

Os outros cativos tinham sido melhor tratados. Sor Wylis Manderly estava entre eles, com vários outros nortenhos de elevado nascimento, tomados prisioneiros pela Montanha Que Cavalga no combate nos vaus do Tridente. Reféns úteis, todos eles valiam um resgate considerável. Estavam todos esfarrapados, imundos, e desgrenhados, e alguns tinham nódoas negras recentes, dentes partidos, e dedos em falta, mas os seus ferimentos tinham sido lavados e ligados, e nenhum passara fome. Jaime perguntou a si próprio se teriam alguma noção do que tinham andado a comer, e decidiu que era melhor não perguntar.

Em nenhum restava qualquer desafio; especialmente em Sor Wylis, uma banheira de sebo de cara peluda com olhos mortiços e bochechas pálidas e descaídas. Quando Jaime lhe disse que seria escoltado até Lagoa da Donzela e aí posto num navio com destino a Porto Branco, Sor Wylis transformou-se numa poça no chão e soluçou durante mais tempo e mais ruidosamente do que a Pia. Foram necessários quatro homens para o voltar a pôr em pé. *Demasiado bode assado*, reflectiu Jaime. *Deuses, como odeio este maldito castelo*. Harrenhal vira mais horrores nos seus trezentos anos do que o Rochedo Casterly testemunhara em três mil.

Jaime ordenou que fossem acesos fogos no Salão das Cem Lareiras e enviou o cozinheiro a coxear até às cozinhas para preparar uma refeição quente para os homens da sua coluna.

— Qualquer coisa menos bode.

Quanto a ele, jantou no Salão do Caçador com Sor Bonifer Hasty, uma solene cegonha dada a salgar o discurso com apelos aos Sete.

— Não quero nenhum dos seguidores de Sor Gregor — declarou enquanto cortava uma pêra tão seca como ele por forma a assegurar-se de que o sumo inexistente do fruto não iria manchar o seu imaculado gibão

púrpura, decorado com a banda branca cotisada da sua Casa. — Não terei tais pecadores ao meu serviço.

— O meu septão costumava dizer que todos os homens eram pecadores.

— Não se enganava — concedeu Sor Bonifer — mas alguns pecados são mais negros do que outros, e mais nauseabundos às narinas dos Sete.

E tu não tens mais nariz do que o meu pequeno irmão, caso contrário os meus pecados far-te-iam engasgar com essa pêra.

— Muito bem. Tirarei o bando de Gregor das vossas mãos. — Podia sempre dar uso a combatentes. Mais que não fosse, podia mandá-los subir primeiro as escadas, caso tivesse necessidade de assaltar as muralhas de Correrrio.

— Levai também a rameira — pediu Sor Bonifer. — Sabeis qual é. A rapariga das masmorras.

— Pia. — Da última vez que estivera ali, Qyburn mandara a rapariga à sua cama, julgando que isso lhe agradaria. Mas a Pia que tinham trazido das masmorras era uma criatura diferente da doce, simples e risonha criatura que se lhe enfiara sob as mantas. Cometera o erro de falar quando Sor Gregor queria silêncio, e a Montanha fizera-lhe os dentes em lascas com um punho coberto de cota de malha e quebrara-lhe também o belo narizinho. Teria feito pior, sem dúvida, se Cersei não o tivesse chamado a Porto Real para enfrentar a lança da Víbora Vermelha. Jaime não faria luto por ele. — Pia nasceu neste castelo — disse a Sor Bonifer. — É a única casa que ela alguma vez conheceu.

— Ela é uma fonte de corrupção — disse Sor Bonifer. — Não a quero perto dos meus homens, a exhibir as suas... formas.

— Julgo que os seus dias de exibição tenham ficado para trás — disse — mas se ela vos levanta tantas objecções, eu levo-a. — Supunha que podia fazer dela uma lavadeira. Os seus escudeiros não se importavam de lhe montar a tenda, de lhe tratar do cavalo ou de lhe limpar a armadura, mas a tarefa de lhe cuidar da roupa era vista por eles como pouco viril. — Sois capaz de defender Harrenhal apenas com a vossa Santa Centena? — perguntou Jaime. Na verdade deviam chamar-lhes Santos Oitenta e Seis, visto terem perdido catorze homens na Água Negra, mas não havia dúvida de que Sor Bonifer recomporia as fileiras assim que encontrasse recrutas suficientemente pios.

— Não prevejo dificuldades. A Velha iluminar-nos-á o caminho, e o Guerreiro dará força aos nossos braços.

Ou então, o Estranho aparecerá em busca de todo o vosso santo bando. Jaime não tinha a certeza de quem convencera a irmã de que Sor Bonifer devia ser nomeado castelão de Harrenhal, mas a nomeação cheirava a

Orton Merryweather. Julgava lembrar-se vagamente de que Hasty servira em tempos o avô de Merryweather. E o administrador de justiça de cabelo cor de cenoura era mesmo o tipo de pateta simplório capaz de partir do princípio de que alguém chamado “o Bom” era a exacta poção de que as terras fluviais necessitavam para sarar as feridas deixadas por Roose Bolton, Vargo Hoat e Gregor Clegane.

Mas talvez não se engane. Hasty provinha das terras da tempestade, de modo que não tinha nem amigos nem inimigos ao longo do Tridente; não havia contendas de sangue, não havia dívidas a pagar, não havia companheiros a recompensar. Ele era sóbrio, justo e cumpridor, não havia nos Sete Reinos soldados melhor disciplinados do que os seus Santos Oitenta e Seis e davam um belo espectáculo quando faziam os seus grandes castrados cinzentos rodopiar e empinar-se. O Mindinho dissera um dia, em grajejo, que Sor Bonifer devia ter também castrado os cavaleiros, de tal modo imaculada era a sua reputação.

Mesmo assim, Jaime duvidava de quaisquer soldados que fossem mais conhecidos pelos seus lindos cavalos do que pelos inimigos que tivessem morto. *Eles rezam bem, suponho, mas serão capazes de lutar?* Não se tinham desonrado na Água Negra, tanto quanto sabia, mas também não se tinham distinguido. O próprio Sor Bonifer fora um cavaleiro prometedor na juventude, mas algo lhe acontecera, uma derrota, uma desonra ou uma visão próxima da morte, e depois disso decidira que justar era uma vaidade vazia e pusera definitivamente a lança de lado.

Mas Harrenhal tem de ser controlado, e aqui o Baelor Olho-do-Cu é o homem que Cersei escolheu para o controlar.

— Este castelo tem má reputação — preveniu-o — e uma reputação que foi bem merecida. Diz-se que Harren e os filhos ainda vagueiam de noite pelos salões, incendiados. Aqueles que os contemplam rebentam em chamas.

— Não temo sombras, sor. Está escrito na *Estrela de Sete Pontas* que espíritos, criaturas de além-túmulo e mortos-vivos não podem fazer mal a um homem piedoso, desde que ele esteja coberto pela armadura da sua fé.

— Então armai-vos de fé, com certeza, mas usai também um lorigão e placa de aço. Todos os homens que controlam este castelo parecem ter mau fim. A Montanha, o Bode, até o meu pai...

— Se perdoardes a ousadia, eles não eram homens devotos, como nós somos. O Guerreiro protege-nos, e a ajuda está sempre próxima, caso algum terrível inimigo nos ameace. O Mestre Gulian ficará aqui com os seus corvos, o Lorde Lancel está perto, em Darry, com a sua guarnição, e o Lorde Randyll controla Lagoa da Donzela. Juntos, nós os três perseguiremos e destruiremos quaisquer foras-da-lei que percorram esta região.

Depois disso feito, os Sete guiarão o bom povo de volta às suas aldeias, para arar a terra, plantá-la e reconstruir.

Aqueles que o Bode não matou, pelo menos. Jaime enganchou a haste do seu cálice de vinho nos dedos de ouro.

— Se algum dos Bravos Companheiros de Hoat vos cair nas mãos, mandai-me imediatamente dizer. — O Estranho podia ter-se escapulado com o Bode antes de Jaime arranjar oportunidade para tratar dele, mas o gordo Zollo ainda andava por aí, com Shagwell, Rorge, o Fiel Urswyck e os outros.

— Para que possais torturá-los e matá-los?

— Suponho que vós os perdoaríeis, se estivésseis no meu lugar?

— Se se arrependessem sinceramente dos seus pecados... sim, abraçá-los-ia a todos como irmãos e rezaria com eles antes de os mandar para o cepo. Os pecados podem ser perdoados. Os crimes requerem punição. — Hasty fechou as mãos à sua frente fazendo com elas uma espécie de campanário, de um modo que fez com que Jaime se lembrasse desconfortavelmente do pai. — Se for Sandor Clegane que encontrarmos, o que quereis que eu faça?

Reza muito, pensou Jaime, e foge.

— Mandai-o juntar-se ao seu querido irmão, e ficai feliz por os deuses terem feito sete infernos. Só um nunca seria suficiente para conter ambos os Clegane. — Pôs-se desajeitadamente em pé. — Beric Dondarrion é diferente. Se o capturardes, mantende-o preso até ao meu regresso. Vou querer levá-lo para Porto Real com uma corda em volta do pescoço, e ordenar a Sor Ilyn que lhe corte a cabeça onde metade do reino o possa ver.

— E o tal sacerdote de Myr que o acompanha? Diz-se que espalha a sua falsa fé por todo o lado.

— Matai-o, beijai-o ou rezai com ele, como quiserdes.

— Não tenho qualquer desejo de beijar o homem, senhor.

— Não tenho dúvidas de que ele diria o mesmo de vós. — O sorriso de Jaime transformou-se num bocejo. — Perdão. Retirar-me-ei, se não tiverdes objecções.

— Nenhuma, senhor — disse Hasty. Certamente queria rezar.

Jaime queria lutar. Atacou os degraus dois a dois, até onde o ar da noite fosse frio e vivificante. No pátio iluminado por archotes, o Varrão Forte e Sor Flement Brax defrontavam-se enquanto um anel de homens de armas os aclamavam. *Sor Lyle levará a melhor nesta luta*, compreendeu. *Tenho de encontrar Sor Ilyn*. Tinha de novo a comichão nos dedos. Os seus passos afastaram-no do ruído e da luz. Passou por baixo da ponte coberta e atravessou o Pátio das Lâminas antes de se aperceber do local para onde se dirigia.

Ao aproximar-se da arena dos ursos, viu o brilho de uma lanterna e a pálida luz invernal que ela derramava sobre as fileiras de íngremes bancos de pedra. *Alguém chegou antes de mim, segundo parece.* A arena seria um belo local para dançar; talvez Sor Ilyn se lhe tivesse antecipado.

Mas o cavaleiro em pé junto à arena era maior; um homem rude e barbudo com um sobretudo vermelho e branco adornado com grifos. *Connington. Que está ele a fazer aqui?* Lá em baixo, a carcaça do urso ainda jazia na areia, embora só restassem os ossos e a pele esfarrapada, meio enterrados. Jaime sentiu uma pontada de piedade pelo animal. *Pelo menos morreu em batalha.*

— Sor Ronnet — chamou — perdestes-vos? É um grande castelo, bem sei.

O Ronnet Vermelho ergueu a lanterna.

— Quis ver o local onde o urso dançou com a donzela não-muito-bela. — A barba do homem brilhava à luz como se estivesse em fogo. Jaime sentiu o cheiro de vinho no seu hálito. — É verdade que a rapariga dançou nua?

— Nua? Não. — Perguntou a si próprio como teria essa prega sido adicionada à história. — Os Saltimbancos enfiaram-na num vestido de seda cor-de-rosa e meteram-lhe uma espada de torneio na mão. O Bode queria que a sua morte fosse *difertida*. Se assim não fosse...

— ... a visão de Brienne nua poderia ter feito o urso fugir aterrorizado. — Connington soltou uma gargalhada.

Jaime não.

— Falais como se conhecêsseis a senhora.

— Estive-lhe prometido.

Aquilo apanhou-o de surpresa. Brienne nunca mencionara um noivado.

— O pai arranjou-lhe uma união...

— Três vezes — disse Connington. — Eu fui o segundo. Ideia do meu pai. Eu tinha ouvido dizer que a rapariga era feia, e foi o que lhe disse, mas ele respondeu que todas as mulheres eram iguais depois de se apagar a vela.

— O vosso pai. — Jaime examinou o sobretudo do Ronnet Vermelho, onde dois grifos se defrontavam num campo de vermelho e branco. Grifos dançantes. — O... irmão do nosso falecido Mão, não era?

— Primo. O Lorde Jon não tinha irmãos.

— Pois não. — Veio-lhe tudo à memória. Jon Connington fora amigo do Príncipe Rhaegar. Quando Merryweather falhara tão tristemente em conter a Rebelião de Robert e não fora possível encontrar o Príncipe Rhaegar, Aerys virara-se para a segunda melhor opção e promovera Connington ao cargo de Mão. Mas o Rei Louco andava sempre a cortar as Mãos.

Cortara o Lorde Jon depois da Batalha dos Sinos, despindo-o de honrarias, terras e riquezas, e expulsando-o mar fora para ir morrer no exílio, onde rapidamente bebera até à morte. Mas o primo, pai do Ronnet Vermelho, juntara-se à rebelião e fora recompensado com o Poleiro do Grifo após o Tridente. Mas só recebera o castelo; Robert ficara com o ouro e outorgara a maior parte das terras dos Connington a apoiantes mais fervorosos.

Sor Ronnet era um cavaleiro com terras, nada mais. Para um homem como ele, a Donzela de Tarth teria sido realmente um belo acepipe.

— Porque foi que não casastes? — perguntou-lhe Jaime.

— Ora, fui a Tarth e vi-a. Era seis anos mais velho do que ela, mas a rapariga conseguia olhar-me nos olhos. Era uma porca vestida de seda, embora a maioria das porcas tenham tetas maiores. Quando tentou falar quase se engasgou com a própria língua. Dei-lhe uma rosa e disse-lhe que isso seria tudo o que teria de mim. — Connington olhou a arena de relance. — O urso era menos peludo do que essa aberração. Eu...

A mão dourada de Jaime atingiu-o na boca com tanta força que o outro cavaleiro caiu aos tropeções pelos degraus abaixo. A lanterna caiu e esmagou-se, e o azeite espalhou-se, ardendo.

— Estáveis a falar de uma senhora de elevado nascimento, sor. Chamai-lhe pelo nome. Chamai-lhe Brienne.

Connington afastou-se das chamas que se espalhavam, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— Brienne. Se aprouver ao senhor. — Cuspiu um escarro de sangue aos pés de Jaime. — Brienne, a Bela.

CERSEI

Foi uma lenta subida até ao topo da Colina de Visenya. Enquanto os cavalos se esforçavam a subir, a rainha recostou-se numa fofa almofada vermelha. De fora vinha a voz de Sor Osmund Kettleblack.

— Abram alas. Desimpedi a rua. Abram alas para Sua Graça, a rainha.

— Margaery *realmente* mantém uma corte animada — estava a Senhora Merryweather a dizer. — Temos malabaristas, saltimbancos, poetas, fantoches...

— Cantores? — sugeriu Cersei.

— Mais do que muitos, Vossa Graça. Hamish, o Harpista, toca para ela uma vez por quinzena, e por vezes Alaric de Eysen entretém-nos durante uma noite, mas o seu favorito é o Bardo Azul.

Cersei recordava-se de ver o bardo no casamento de Tommen. *Jovem, e bonito ao olhar. Poderá haver aí alguma coisa?*

— Ouvi dizer que também há outros homens. Cavaleiros e cortesãos. Admiradores. Dizei-me a verdade, senhora. Achais que Margaery ainda é donzela?

— Ela diz que é, Vossa Graça.

— Realmente diz. E vós, dizeis o quê?

Os olhos negros de Taena cintilaram de travessura.

— Quando se casou com o Lorde Renly em Jardim de Cima, eu ajudei a despi-lo. Sua senhoria era um homem bem feito e robusto. Vi a prova quando o atirámos para a cama de núpcias onde a sua noiva aguardava nua como no dia do seu nome, com um lindo rubor por baixo da colcha. Sor Loras tinha-a trazido em pessoa pelos degraus acima. Margaery pode dizer que o casamento nunca foi consumado, que o Lorde Renly bebera demasiado vinho no banquete de casamento, mas garanto-vos que aquilo que tinha entre as pernas estava tudo menos cansado da última vez que o vi.

— Tereis por acaso visto a cama nupcial na manhã seguinte? — perguntou Cersei. — Ela sangrou?

— Não foi exibido qualquer lençol, Vossa Graça.

É pena. Apesar de tudo, a ausência de um lençol ensanguentado, em si mesma, pouco queria dizer. Tinha-lhe constado que as camponesas comuns sangravam como porcos nas suas noites de núpcias, mas isso era menos verdadeiro relativamente a donzelas de elevado nascimento como

Margaery Tyrell. Dizia-se que era mais provável que a filha de um lorde entregasse a virgindade a um cavalo do que a um marido, e Margaery montava desde que tivera idade para andar.

— Consta-me que a pequena rainha tem muitos admiradores entre os nossos cavaleiros domésticos. Os gémeos Redwyne, Sor Tallad... dizei-me, quem mais?

A Senhora Merryweather encolheu os ombros.

— Sor Lambert, o tolo que esconde um olho bom atrás de uma pala. Bayard Norcross. Courtenay Greenhill. Os irmãos Woodwright, por vezes Portifer e muitas vezes Lucantine. Oh, e o Grande Mestre Pycelle é um visitante frequente.

— Pycelle? Deveras? — Teria aquele trémulo e velho verme abandonado o leão em favor da rosa? *Se assim for, irá arrepender-se.* — Quem mais?

— O ilhéu do Verão com o seu manto de penas. Como pude esquecer-me dele, com a sua pele negra como tinta? Outros vêm cortejar as primas. Elinor está prometida ao rapaz Ambrose, mas adora namoriscar, e Megga tem um novo pretendente todas as quinzenas. Uma vez beijou um latrineiro na cozinha. Ouvi falar acerca de um casamento dela com o irmão da Senhora Bulwer, mas estou certa de que se Megga pudesse escolher, preferiria Mark Mullendore.

Cersei soltou uma gargalhada.

— O cavaleiro das borboletas que perdeu o braço na Água Negra? De que serve metade de um homem?

— Megga acha-o querido. Pediu à Senhora Margaery para a ajudar a encontrar um macaco para ele.

— Um macaco. — A rainha não soube o que dizer a respeito daquilo. *Pardais e macacos. É verdade, o reino está a enlouquecer.* — E o nosso valente Sor Loras? Com que frequência visita ele a irmã?

— Mais do que qualquer dos outros. — Quando Taena franzia o sobrolho, aparecia uma minúscula ruga entre os seus olhos escuros. — Visita-a todas as manhãs e todas as noites, a menos que os seus deveres interfiram. O irmão é-lhe devotado, partilham tudo com... oh... — Por um momento, a mulher de Myr pareceu quase chocada. Então um sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto. — Tive a mais perversa das ideias, Vossa Graça.

— É melhor guardá-la para vós. A colina está repleta de pardais, e todos sabemos como os pardais abominam a perversidade.

— Ouvi dizer que também abominam o sabão e a água, Vossa Graça.

— Talvez demasiadas rezas roubem a um homem o sentido do cheiro. Não me esquecerei de perguntar se assim é a Sua Alta Santidade.

As cortinas oscilavam de um lado para o outro numa onda de seda carmesim.

— Orton disse-me que o Alto Septão não tem nome — disse a Senhora Taena. — Poderá ser verdade? Em Myr todos temos nomes.

— Oh, ele teve um nome *um dia*. Todos tiveram. — A rainha fez um gesto de indiferença com a mão. — Até septões nascidos de sangue nobre respondem apenas pelos seus nomes próprios depois de tomarem votos. Quando um deles é elevado a *Alto Septão*, põe de lado também esse nome. A Fé dir-vos-á que ele já não tem necessidade de um nome de homem, porque se transformou na manifestação dos deuses.

— Como distinguís os Altos Septões uns dos outros?

— Com dificuldade. Tem de se dizer “o gordo”, ou “aquele que veio antes do gordo”, ou “o velho que morreu durante o sono”. É sempre possível arrancar-lhes os nomes próprios, se se quiser, mas eles melindram-se se os usarmos. Faz-lhes lembrar que um dia nasceram como homens comuns, e não gostam disso.

— O senhor meu esposo disse-me que este novo nasceu com porcaria debaixo das unhas.

— Suspeito que sim. Como regra, os Mais Devotos elevam um dos seus, mas houve exceções. — O Grande Mestre Pycelle informara-a da história, com um detalhe entediante. — Durante o reinado do Rei Baelor, o Abençoado, um simples pedreiro foi escolhido como Alto Septão. O homem trabalhava a pedra de forma tão bela que Baelor decidiu que era o Ferreiro renascido em carne mortal. Não sabia ler nem escrever, nem era capaz de se recordar das palavras da mais simples das preces. — Ainda havia quem afirmasse que o Mão de Baelor mandara envenenar o homem para poupar embaraços ao reino. — Depois desse morrer, foi elevado um rapaz de oito anos, de novo por insistência do Rei Baelor. Sua Graça declarou que o rapaz operava milagres, embora nem mesmo as suas pequenas mãos curandeiras tivessem salvo Baelor durante o seu último jejum.

A Senhora Merryweather soltou uma gargalhada.

— Oito anos? Talvez o meu filho possa ser Alto Septão. Tem quase sete.

— Ele reza muito? — perguntou a rainha.

— Prefere brincar com espadas.

— Então é um rapaz a sério. É capaz de dizer o nome de todos os sete deuses?

— Julgo que sim.

— Terei de levá-lo em consideração. — Cersei não duvidava de que havia uma grande quantidade de rapazes que honrariam mais a coroa de cristal do que o desgraçado a quem os Mais Devotos haviam decidido outorgá-la. *Isto é o que acontece quando se deixa que idiotas e cobardes se governem a si próprios. Da próxima vez, eu escolher-lhes-ei o seu chefe.* E

a próxima vez podia não demorar muito a chegar, se o novo Alto Septão continuasse a aborrecê-la. A Mão de Baelor tinha pouco a ensinar a Cersei Lannister em assuntos como esse.

— *Desobstruí o caminho!* — estava Sor Osmund Kettleblack a gritar.
— *Abram alas para a Graça da Rainha!*

A liteira começou a abrandar, o que só podia querer dizer que estavam perto do topo da colina.

— Devíeis trazer esse vosso filho para a corte — disse Cersei à Senhora Merryweather. — Seis anos não é novo demais. Tommen precisa de outros rapazes à sua volta. Porque não o vosso filho? — Joffrey nunca tivera um amigo íntimo da sua idade, que se lembrasse. *O pobre rapaz sempre esteve só. Eu tinha Jaime quando era criança... e Melara, até ela cair ao poço.* Joff gostara do Cão de Caça, certamente, mas isso não era amizade. Procurava o pai que nunca encontrara em Robert. *Um irmãozinho adoptivo pode ser precisamente aquilo de que Tommen precisa para o afastar de Margaery e das suas galinhas.* A seu tempo podiam tornar-se tão chegados como Robert e o seu amigo de infância, Ned Stark. *Um tolo, mas um tolo leal. Tommen precisará de amigos leais que lhe vigiem a retaguarda.*

— Vossa Graça é bondosa, mas Russell nunca conheceu outro lar além de Mesalonga. Temo que se sentiria perdido nesta grande cidade.

— A princípio, sim — concedeu a rainha — mas em breve ultrapassaria isso, tal como eu ultrapassei. Quando o meu pai mandou trazer-me para a corte chorei e Jaime enfureceu-se, até que a minha tia se sentou comigo no Jardim de Pedra e me disse que não havia ninguém em Porto Real que eu devesse temer. “És uma leoa”, disse, “e cabe a todas as feras menores temer-te a ti”. O vosso filho também encontrará a sua coragem. Decerto que preferiríeis tê-lo por perto, onde pudésseis vê-lo todos os dias. É o vosso único filho, não é?

— Por agora. O senhor meu esposo pediu aos deuses para nos abençoarem com outro, para o caso de...

— Eu sei. — Pensou em Joffrey, arranhando o pescoço. Nos seus últimos momentos olhara-a num apelo desesperado, e uma súbita recordação parara-lhe o coração; uma gota de sangue rubro a silvar na chama de uma vela, uma voz coaxante que falava de coroas e mortalhas, de morte às mãos do *valonqar*.

Fora da liteira, Sor Osmund estava a gritar qualquer coisa, e alguém gritava-lhe em resposta. A liteira parou com um solavanco.

— Estais todos mortos? — rugiu o Kettleblack. — *Saí da porcaria do caminho!*

A rainha puxou para trás um canto da cortina e chamou Sor Meryn Trant com um gesto.

— O que é que se passa?

— São os pardais, Vossa Graça. — Sor Meryn usava armadura de escamas brancas por baixo do manto. O seu elmo e escudo estavam pendurados da sela. — Acampados na rua. Fá-los-emos mexer-se.

— Fazei-o, mas com gentileza. Não quero ser apanhada noutro tumulto. — Cersei deixou a cortina cair. — Isto é absurdo.

— Pois é, Vossa Graça — concordou a Senhora Merryweather. — O Alto Septão devia ter vindo ter convosco. E estes deploráveis pardais...

— Ele alimenta-os, acarinha-os, *abençoa-os*. E no entanto não quer abençoar o rei. — Sabia que a bênção era um ritual vazio, mas os rituais e as cerimónias tinham poder aos olhos dos ignorantes. O próprio Aegon, o Conquistador, determinara que o início do seu reinado se dera no dia em que o Alto Septão o ungiu em Vilavelha. — Este miserável sacerdote irá obedecer, caso contrário ficará a saber quão fraco e humano ainda é.

— Orton diz que o que ele realmente quer é ouro. Que pretende reter a bênção até que a coroa reate os pagamentos.

— A Fé terá o seu ouro assim que tenhamos paz. — O Septão Torbert e o Septão Raynard tinham-se mostrado muito compreensivos relativamente à sua promessa... ao contrário dos malditos bravosianos que haviam perseguido o pobre Lorde Gyles tão desapiedadamente que ele caíra de cama, tossindo sangue. *Tínhamos de ter aqueles navios*. Não podia depender da Árvore para a marinha; os Redwyne eram demasiado próximos dos Tyrell. Precisava das suas próprias forças no mar.

Os dromones que se erguiam no rio iriam dar-lhas. O navio-almirante teria duas vezes mais remos do que o *Martelo do Rei Robert*. Aurane pedira-lhe autorização para lhe chamar *Lorde Tywin*, a qual Cersei ficaria feliz por conceder. Esperava com antecipação ouvir os homens falar do casco e remos do pai. Outro dos navios chamar-se-ia *Doce Cersei*, e teria uma figura de proa dourada, esculpida à sua semelhança, vestida de cota de malha, com um elmo de leão e uma lança na mão. *Valente Joffrey, Senhora Joanna e Leoa* seguiu-la-iam para o mar, em conjunto com *Rainha Margaery, Rosa Dourada, Lorde Renly, Senhora Olenna e Princesa Myrcella*. A rainha cometera o erro de dizer a Tommen que podia baptizar os últimos cinco. Ele chegara a escolher *Rapaz Lua* para um deles. Só quando o Lorde Aurane sugerira que os homens talvez não quisessem servir num navio baptizado em honra de um bobo é que o rapaz concordara relutantemente em honrar a irmã.

— Se este septão esfarrapado planeia obrigar-me a *comprar* a bênção de Tommen, em breve aprenderá umas coisas — disse a Taena. A rainha não tencionava submeter-se a uma matilha de sacerdotes.

A liteira voltou a parar, tão subitamente que Cersei se sobressaltou.

— Oh, isto é de enfurecer. — Voltou a debruçar-se para fora, e viu que tinham chegado ao topo da Colina de Visenya. Em frente erguia-se o Grande Septo de Baelor, com a sua magnífica cúpula e sete torres brilhantes, mas entre si e os degraus de mármore, estendia-se um soturno mar de humanidade, castanho, esfarrapado e sujo. *Pardais*, pensou, fungando, embora nenhum pardal tivesse tido algum dia cheiro tão fétido.

Cersei ficou espantada. Qyburn trouxera-lhe relatórios acerca da quantidade de pardais, mas ouvir falar dos números era uma coisa e vê-los outra. Centenas estavam acampadas na praça, mais centenas nos jardins. As suas fogueiras enchiam o ar de fumo e maus cheiros. Tendões de ráfia e cabanas miseráveis feitas de lama e bocados de madeira sujavam o imaculado mármore branco. Estavam até aninhados nos degraus, sob as altas portas do Grande Septo.

Sor Osmund regressou a trote para junto dela. A seu lado seguia Sor Osfryd, montado num garanhão tão dourado como o seu manto. Osfryd era o Kettleblack do meio, mais calado do que os irmãos, mais inclinado a franzir o sobrolho do que a sorrir. *E também mais cruel, se as histórias forem verdadeiras. Talvez devesse tê-lo enviado para a Muralha.*

O Grande Mestre Pycelle quisera um homem mais velho, “mais experiente nos usos da guerra”, para comandar os homens de mantos dourados, e vários dos outros conselheiros tinham concordado com ele.

— Sor Osfryd tem suficiente experiência — dissera-lhes, mas nem mesmo isso os calara. *Ladram-me como uma matilha de cãesinhos irritantes.* Já praticamente esgotara a paciência com Pycelle. O homem até tivera a temeridade de levantar objecções quando falara em mandar buscar um mestre de armas a Dorne, com o argumento de que isso poderia ofender os Tyrell. — Porque julgais que eu o estou a *fazer*? — perguntara-lhe desdenhosamente.

— Perdão, Vossa Graça — disse Sor Osmund. — O meu irmão chamou mais homens de mantos dourados. Abriremos uma passagem, não temais.

— Não tenho tempo. Prosseguirei a pé.

— Por favor, Vossa Graça. — Taena pegou-lhe no braço. — Eles assustam-me. São centenas, e tão sujos.

Cersei beijou-lhe o rosto.

— O leão não teme o pardal... mas é bom que vos preocupeis. Eu sei que gostais bastante de mim, senhora. Sor Osmund, tende a bondade de me ajudar a descer.

Se soubesse que ia ter de caminhar, ter-me-ia vestido a preceito. Trazia um vestido branco fendido com pano de ouro, rendado mas recatado. Tinham-se passado vários anos desde a última vez que o envergara, e a rainha achava-o desconfortavelmente apertado na cintura.

— Sor Osmund, Sor Meryn, acompanhar-me-eis. Sor Osfryd, assegurai-vos de que nada de mal aconteça à minha liteira. — Alguns dos pardais pareciam suficientemente descarnados e de olhos vazios para lhe comer os cavalos.

Enquanto abria caminho através da multidão esfarrapada, passando pelas suas fogueiras, carroças e rudes abrigos, a rainha deu por si a recordar outra multidão que um dia se reunira naquela praça. No dia em que casara com Robert Baratheon, milhares tinham aparecido para os aclamar. Todas as mulheres usavam as suas melhores roupas, e metade dos homens tinham crianças aos ombros. Quando emergira de dentro do septo, de mão dada com o jovem rei, a multidão soltara um rugido tão ruidoso que poderia ter sido ouvido em Lanisporto.

— Eles gostam bastante de vós, senhora — murmurara-lhe Robert ao ouvido. — Vede, todos os rostos estão a sorrir. — Durante aquele curto momento, fora feliz no casamento... até calhar deitar um relance a Jaime. *Não, lembrava-se de ter pensado, não são todos os rostos, senhor.*

Ninguém estava agora a sorrir. Os olhares que os pardais lhe deitavam eram mortiços, carrancudos, hostis. Abriam caminho, mas com relutância. *Se fossem mesmo pardais, um grito tê-los-ia posto a voar. Uma centena de homens de mantos dourados com bordões, espadas e maçãs limparia esta gentilha bem depressa.* Seria isso que o Lorde Tywin teria feito. *Ele teria cavalgado por cima deles, em vez de caminhar através da população.*

Quando viu o que tinham feito a Baelor, o Adorado, a rainha teve motivos para se arrepender do seu coração suave. A grande estátua de mármore, que levava cem anos a sorrir serenamente sobre a praça, estava enterrada até à cintura numa pilha de ossos e crânios. Alguns dos crânios mostravam bocados de carne ainda agarrada. Um corvo encontrava-se pousado em num desses crânios, desfrutando de um banquete seco e com uma consistência de couro. Havia moscas por todo o lado.

— Que significa isto? — perguntou Cersei à multidão. — Pretendeis enterrar o Abençoado Baelor numa montanha de carniça?

Um homem pernetá deu um passo em frente, apoiado numa muleta de madeira.

— Vossa Graça, esses são os ossos de homens e mulheres santos, assassinados devido à sua fé. Septões, septãs, irmãos castanhos, pardos e verdes, irmãs brancas, azuis e cinzentas. Alguns foram enforcados, outros esventrados. Septos foram pilhados, donzelas e mães violadas por homens ímpios e adoradores de demónios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. A Mãe no Céu chora em angústia. Trouxemos os seus ossos de todo o reino até aqui, para servir de testemunho à agonia da Santa Fé.

Cersei sentia o peso dos olhos em cima de si.

— O rei saberá dessas atrocidades — respondeu solenemente. — Tommen partilhará da vossa indignação. Isto é obra de Stannis e da sua bruxa vermelha, e dos nortenhos selvagens que adoram árvores e lobos. — Ergueu a voz. — *Bom povo, os vossos mortos serão vingados!*

Alguns aclamaram, mas só alguns.

— Não pedimos vingança pelos nossos mortos — disse o perneta — apenas protecção para os vivos. Para os septos e lugares santos.

— O Trono de Ferro tem de defender a Fé — resmungou um corpulento labrego com uma estrela de sete pontas pintada na testa. — Um rei que não protege o seu povo não é rei nenhum. — Murmúrios de assentimento ergueram-se daqueles que o rodeavam. Um homem teve a temeridade de agarrar no pulso de Sor Meryn e dizer:

— É tempo de todos os cavaleiros ungidos renunciarem aos seus senhores terrenos e defenderem a nossa Santa Fé. Juntai-vos a nós, sor, se amais os Sete.

— Tirai as mãos de cima de mim — disse Sor Meryn, libertando-se com uma sacudidela.

— Estou a ouvir-vos — disse Cersei. — O meu filho é jovem, mas ama bastante os Sete. Tereis a sua protecção e a minha.

O homem com a estrela na testa não se mostrou aplacado.

— O Guerreiro defender-nos-á — disse — não esse rapaz-rei gordo.

Meryn Trant estendeu a mão para a espada, mas Cersei parou-o antes que a desembainhasse. Tinha apenas dois cavaleiros no meio de um mar de pardais. Via bordões e gadanhas, clavas e mocas, vários machados.

— Não quero sangue derramado neste lugar sagrado, sor. — *Porque serão todos os homens umas crianças tão grandes? Abate-o, e os outros irão desfazer-nos membro a membro.* — Somos todos filhos da Mãe. Vinde, Sua Alta Santidade espera-nos. — Mas ao abrir caminho na direcção dos degraus do septo, um bando de homens armados saiu e bloqueou as portas. Usavam cota de malha e couro fervido, com um bocado de placa amolgada de aço aqui e ali. Alguns traziam lanças e outros espadas. Eram mais os que preferiam os machados, e tinham estrelas vermelhas cosidas nos seus sobretudos branqueados. Dois deles tiveram a insolência de cruzar as lanças e barrar-lhe a passagem.

— É assim que recebeis a vossa rainha? — perguntou-lhes. — Dizei-me, onde estão Raynard e Torbert? — Não era hábito desses dois perderem uma oportunidade para a adular. Torbert fazia sempre alarde de se pôr de joelhos para lhe lavar os pés.

— Não conheço os homens de que falais — disse um dos homens com uma estrela vermelha no sobretudo — mas se pertencerem à Fé, sem dúvida que os Sete tiveram necessidade dos seus serviços.

— O Septão Raynard e o Septão Torbert pertencem aos *Mais Devotos* — disse Cersei — e ficarão furiosos quando souberem que me obstruístes a passagem. Pretendeis negar-me a entrada no septo sagrado de Baelor?

— Vossa Graça — disse um homem de barba grisalha com um ombro curvado. — Vós sois bem-vinda aqui, mas os vossos homens deverão deixar ficar os cintos das espadas. Não são permitidas armas lá dentro, por ordens do Alto Septão.

— Cavaleiros da Guarda Real não põem de lado as suas espadas, nem mesmo na presença do rei.

— Na casa do rei, deverá reinar a palavra do rei — respondeu o cavaleiro idoso — mas esta é a casa dos deuses.

A cor subiu-lhe ao rosto. Bastaria dizer uma palavra a Meryn Trant e aquele grisalho de costas arqueadas iria encontrar-se com os seus deuses mais cedo do que talvez preferisse. *Mas aqui não. Agora não.*

— Esperai por mim — disse secamente à Guarda Real. Sozinha, subiu os degraus. Os lanceiros descruzaram as lanças. Outros dois homens encostaram o seu peso às portas, e elas afastaram-se com um grande rangido.

No Salão das Lâmpadas, Cersei foi encontrar uma vintena de septões de joelhos, mas não em oração. Tinham baldes de água e sabão, e estavam a esfregar o chão. As suas vestes de tecido grosseiro e sandálias levaram Cersei a tomá-los por pardais, até que um deles ergueu a cabeça. Tinha a cara vermelha como uma beterraba, e bolhas rebentadas sangravam nas suas mãos.

— Vossa Graça.

— Septão Raynard? — A rainha quase não conseguia crer no que estava a ver. — O que fazeis de joelhos?

— Está a limpar o chão. — O homem que falou era vários centímetros mais baixo do que a rainha e magro como um pau de vassoura. — O trabalho é uma forma de prece, muito do agrado do Ferreiro. — O homem pôs-se em pé, de escova na mão. — Vossa Graça. Temos estado à vossa espera.

A barba do homem era grisalha e castanha e cortada curta, o cabelo atado num nó apertado por trás da cabeça. Embora as vestes que envergava estivessem limpas, estavam também puídas e remendadas. Enrolara as mangas até aos cotovelos enquanto esfregara o chão, mas abaixo dos joelhos o pano estava encharcado em água. A cara era fortemente pontiaguda, com olhos encovados de um castanho de lama. *Os pés dele estão nus*, viu Cersei, consternada. E também eram hediondos, umas coisas duras e coriáceas, tornadas grossas por calos.

— Sois vós a Sua Alta Santidade?

— Somos.

Pai, dai-me forças. A rainha sabia que devia ajoelhar, mas o chão estava molhado com sabão e água suja, e ela não desejava estragar o vestido. Deitou um relance aos velhos de joelhos.

— Não vejo o meu amigo, o Septão Torbert.

— O Septão Torbert foi confinado a uma cela de penitente, a pão e água. É um pecado que um homem seja tão gordo quando metade do reino passa fome.

Cersei já aguentara o suficiente por um dia. Deixou-o ver a sua ira.

— É assim que me cumprimentais? Com uma escova na mão, a pingar água? Sabeis quem eu sou?

— Vossa Graça é a Rainha Regente dos Sete Reinos — disse o homem — mas na *Estrela de Sete Pontas* está escrito que tal como os homens se do-
bram perante os seus senhores e os senhores perante os seus reis, assim os reis e as rainhas devem dobrar-se perante os Sete Que São Um Só.

Estará ele a dizer-me para ajoelhar? Se assim fosse, não a conhecia muito bem.

— O certo seria que tivésseis ido cumprimentar-me na escada, com as vossas melhores vestes e a coroa de cristal na cabeça.

— Não temos qualquer coroa, Vossa Graça.

O seu sobrolho franziu-se mais.

— O senhor meu pai deu ao vosso antecessor uma coroa de rara beleza, trabalhada em cristal e ouro tecido.

— E por essa dádiva honramo-lo nas nossas preces — disse o Alto Septão — mas os pobres precisam mais de comida na barriga do que nós precisamos de ouro e cristal na cabeça. Essa coroa foi vendida. O mesmo aconteceu às outras que tínhamos nas caves, bem como a todos os nossos anéis e vestes de pano de ouro e prata. A lã manterá os homens igualmente quentes. Foi para isso que os Sete nos deram as ovelhas.

Ele é completamente louco. Os Mais Devotos deviam estar também loucos, para elegerem aquela criatura... loucos ou aterrorizados pelos pedintes que lhes batiam à porta. Os informadores de Qyburn diziam que o Septão Luceon estava a nove votos da eleição quando aquelas portas tinham cedido, e uma torrente de pardais entrara no Grande Septo, com o seu líder aos ombros e machados nas mãos.

Fitou o homenzinho com um olhar gelado.

— Há algum lugar onde possamos falar com mais privacidade, Vossa Santidade?

O Alto Septão entregou a escova a um dos Mais Devotos.

— Se Vossa Graça nos quiser seguir...

Levou-a através das portas interiores, entrando no septo propriamente dito. Os passos de ambos ecoaram no chão de mármore. Partículas

de pó dançavam nos feixes de luz colorida que entravam em diagonal pelos vitrais da grande cúpula. Incenso adoçava o ar, e ao lado dos sete altares brilhavam velas como se fossem estrelas. Um milho tremeluzia para a Mãe e quase outras tantas para a Donzela, mas era possível contar as velas do Estranho com duas mãos e ainda se ficaria com dedos por usar.

Até aquele local os pardais tinham invadido. Uma dúzia de cavaleiros andantes mal vestidos estava ajoelhada perante o Guerreiro, suplicando-lhe que abençoasse as espadas que tinham empilhado aos seus pés. No altar da Mãe, um septão liderava as preces de uma centena de pardais, com vozes tão distantes como ondas a bater na costa. O Alto Septão levou Cersei até onde a Velha erguia a sua lanterna. Quando ajoelhou perante o altar, ela não teve outra hipótese que não fosse ajoelhar a seu lado. Misericordiosamente, aquele Alto Septão não era tão prolixo como o gordo fora. *Suponho que deva sentir-me grata por isso.*

Sua Alta Santidade não fez qualquer movimento para se erguer quando terminou a prece. Parecia que teriam de conferenciar de joelhos. *Um estratagema de homem pequeno*, pensou, divertida.

— Alta Santidade — disse — estes pardais estão a assustar a cidade. Quero que se vão embora.

— Para onde hão-de ir, Vossa Graça?

Há sete infernos, qualquer um servirá.

— Para o lugar de onde vieram, imagino.

— Eles vieram de todo o lado. Tal como o pardal é o mais humilde e comum dos pássaros, eles são os mais humildes e comuns dos homens.

Eles são comuns, pelo menos nisso concordamos.

— Vistes o que fizeram à estátua do Abençoado Baelor? Eles conspurcam a praça com os seus porcos, cabras e dejectos nocturnos.

— É mais fácil lavar dejectos nocturnos do que sangue, Vossa Graça. Se a praça foi conspurcada, foi-o pela execução que aqui aconteceu.

Ele atreve-se a atirar-me Ned Stark à cara?

— Todos a lamentamos. Joffrey era jovem, e não tão sensato como poderia ser. O Lorde Stark devia ter sido decapitado noutra lugar, por respeito ao Abençoado Baelor... mas o homem *era* um traidor, que não o esqueçamos.

— O Rei Baelor perdoou aqueles que conspiraram contra si.

O Rei Baelor aprisionou as suas próprias irmãs, cujo único crime era serem belas. Da primeira vez que Cersei ouvira contar essa história, dirigira-se ao berçário de Tyrion e beliscara o monstinho até o pôr a chorar. *Devia ter-lhe apertado o nariz e enfiado uma meia na sua boca.* Forçou-se a sorrir.

— O Rei Tommen também perdoará aos pardais, depois de eles regressarem a suas casas.

— A maior parte deles perdeu a casa. Há sofrimento por todo o lado... e luto, e morte. Antes de vir para Porto Real, cuidava de meia centena de aldeolas, demasiado pequenas para terem o seu próprio septo. Caminhava de uma aldeia até à seguinte, celebrando casamentos, absolvendo pecadores dos seus pecados, baptizando crianças recém-nascidas. Essas aldeias já não existem, Vossa Graça. Ervas daninhas e espinheiros crescem onde os jardins em tempos floriram, e ossos juncam as bermas das estradas.

— A guerra é uma coisa terrível. Essas atrocidades são obra dos nortenhos, e de Lorde Stannis e seus adoradores de demónios.

— Alguns dos meus pardais falam de bandos de leões que os espoliaram... e do Cão de Caça, que era um homem ajuramentado a vós. Em Salinas matou um septão idoso e atacou uma rapariga de doze anos, uma criança inocente prometida à Fé. Usou a armadura enquanto a violava, e a terna carne da menina foi rasgada e esmagada pelo ferro da cota de malha. Quando acabou, deu-a aos seus homens, que lhe cortaram o nariz e os mamilos.

— Sua Graça não pode ser responsabilizada pelos crimes de todos os homens que um dia serviram a Casa Lannister. Sandor Clegane é um traidor e um bruto. Porque julgais vós que o demiti do meu serviço? Ele agora luta pelo fora-da-lei Beric Dondarrion, não pelo Rei Tommen.

— Será como dizeis. E no entanto há que perguntar o seguinte: por onde andavam os cavaleiros do rei quando estas coisas estavam a acontecer? Não é verdade que Jaehaerys, o Conciliador, um dia jurou pelo próprio Trono de Ferro que a coroa protegeria e defenderia sempre a Fé?

— Cersei não fazia ideia do que Jaehaerys, o Conciliador, poderia ter jurado.

— É verdade — concordou — e o Alto Septão abençoou-o e ungiu-o como rei. É tradicional que cada novo Alto Septão dê ao rei a sua bênção... e no entanto vós haveis-vos recusado aabençoar o Rei Tommen.

— Vossa Graça está enganada. Nós não nos recusámos.

— Não viestes.

— A hora ainda não está madura.

Ês um sacerdote, ou um vendedor de hortaliças?

— E o que poderei eu fazer para a tornar... mais madura? — *Se ele se atrever a mencionar ouro, lidarei com este como lidei com o último, e encontrarei um piedoso miúdo de oito anos para usar a coroa de cristal.*

— O reino está cheio de reis. Para que a Fé exalte um acima dos demais temos de ter a certeza. Há trezentos anos, quando Aegon, o Dragão, desembarcou no sopé desta mesma colina, o Alto Septão trancou-se no interior do Septo Estrelado de Vilavelha e rezou durante sete dias e sete noites, sem ingerir nada além de pão e água. Quando saiu, anunciou que a

Fé não se oporia a Aegon e às irmãs, pois a Velha erguera a sua lanterna e mostrara-lhe o caminho em frente. Se Vilavelha pegasse em armas contra o Dragão, Vilavelha arderia, e a Torralta, a Cidadela e o Septo Estrelado seriam derrubados e destruídos. O Lorde Hightower era um homem devoto. Quando ouviu a profecia, manteve as suas forças em casa e abriu os portões da cidade a Aegon quando ele chegou. E Sua Alta Santidade ungiu o Conquistador com os sete óleos. Eu devo fazer o que ele fez, há trezentos anos. Devo rezar e jejuar.

— Durante sete dias e sete noites?

— Durante o tempo que for necessário.

Cersei sentiu vontade de esbofetear a solene e pia cara do homem. *Podia ajudar-te a jejuar, pensou. Podia trancar-te nalguma torre e assegurar-me de que ninguém te traria comida até os deuses falarem.*

— Aqueles falsos reis abraçam falsos deuses — fez-lhe lembrar. — Só o Rei Tommen defende a Santa Fé.

— E no entanto, os septos são queimados e saqueados por toda a parte. Até irmãs silenciosas foram violadas, gritando a sua angústia até ao céu. Vossa Graça viu os ossos e crânios dos nossos santos mortos?

— Vi — teve de dizer. — Dai a Tommen a vossa bênção, e poremos fim a essas afrontas.

— E como fareis tal coisa, Vossa Graça? Enviareis um cavaleiro para percorrer as estradas com cada irmão mendicante? Dar-nos-eis homens para defender as nossas septãs contra os lobos e os leões?

Vou fazer de conta que não falaste de leões.

— O reino está em guerra. Sua Graça tem necessidade de todos os homens. — Cersei não tencionava esbanjar as forças de Tommen para fazer de ama-seca a pardais, ou para proteger as conas enrugadas de um milhar de septãs. *Metade delas estão provavelmente a rezar por uma boa violação.* — Os vossos pardais têm cacetes e machados. Que eles se defendam a si próprios.

— As leis do Rei Maegor proibem-no, como Vossa Graça deve saber. Foi por decreto seu que a Fé pousou as espadas.

— Agora o rei é Tommen, não Maegor. — Que lhe importava o que Maegor, o Cruel, decretara trezentos anos antes? *Em vez de tirar as espadas das mãos dos fiéis, devia tê-las usado para os seus próprios fins.* Apontou para onde o Guerreiro se erguia por cima do seu altar de mármore vermelho. — O que é que ele tem na mão?

— Uma espada.

— Ele esqueceu-se de como usá-la?

— As leis de Maegor...

— ... podem ser desfeitas. — Deixou aquilo pairar entre ambos, esperando que o Alto Septão engolissem o isco.

Ele não a desiludiu.

— A Fé Militante renascida... isso seria a resposta para trezentos anos de preces, Vossa Graça. O Guerreiro voltaria a erguer a sua espada brilhante e limparia este pecaminoso reino de todo o mal. Se Sua Graça me permitisse restaurar as antigas ordens abençoadas da Espada e da Estrela, todos os homens devotos dos Sete Reinos saberiam que ele é o nosso senhor legítimo e verdadeiro.

Aquilo era bom de ouvir, mas Cersei teve o cuidado de não parecer muito ávida.

— Vossa Alta Santidade falou há pouco de perdão. Nestes tempos conturbados, o Rei Tommen ficaria muito grato se pudésseis arranjar maneira de perdoar a dívida da coroa. Parece-me que devemos à Fé cerca de novecentos mil dragões.

— Novecentos mil, seiscentos e setenta e quatro dragões. Ouro que poderia alimentar os famintos e reconstruir um milhar de septos.

— É ouro o que desejais? — perguntou a rainha. — Ou será que preferis ver aquelas poeirentas leis de Maegor postas de lado?

O Alto Septão reflectiu naquilo por um momento.

— Como quiserdes. Essa dívida será perdoada, e o Rei Tommen terá a sua bênção. Os Filhos do Guerreiro escoltar-me-ão até ele, brilhando na glória da sua Fé, enquanto os meus pardais partem para defender os dóceis e humildes do mundo, renascidos como Pobres Irmãos, como antigamente.

A rainha pôs-se em pé e alisou as saias.

— Mandarei preparar os papéis, e Sua Graça assiná-los-á e apor-lhes-á o selo real. — Se havia alguma parte de ser rei que Tommen adorava, era brincar com o seu selo.

— Que os Sete protejam Sua Graça. Que tenha um longo reinado. — O Alto Septão fez das mãos um campanário e ergueu os olhos para o céu. — Que os malvados tremam!

Estais a ouvir isto, Lorde Stannis? Cersei não conseguiu impedir-se de sorrir. Nem mesmo o senhor seu pai se poderia ter saído melhor. De um golpe, livrara Porto Real da praga dos pardais, assegurara a bênção de Tommen, e diminuía a dívida da coroa em quase um milhão de dragões. Tinha o coração a pairar bem alto quando permitiu que o Alto Septão a acompanhasse de regresso ao Salão das Lâmpadas.

A Senhora Merryweather partilhou o deleite da rainha, embora nunca tivesse ouvido falar dos Filhos do Guerreiro ou dos Pobres Irmãos.

— Datam de antes da Conquista de Aegon — explicou-lhe Cersei. — Os Filhos do Guerreiro eram uma ordem de cavaleiros que renunciavam às suas terras e ouro e ajuramentavam as espadas a Sua Alta Santidade. Os Pobres Irmãos... eram mais humildes, apesar de muito mais numerosos.

Uma espécie de irmãos mendicantes, embora transportassem machados em vez de tigelas. Vagueavam pelas estradas, escoltando viajantes de septo em septo e de vila em vila. O seu símbolo era a estrela de sete pontas, vermelha sobre branco, de modo que o povo simples lhes chamava Estrelas. Os Filhos do Guerreiro usavam mantos arco-íris e armadura embutida de prata por cima de cilícios, e traziam cristais em forma de estrela nos botões do punho das espadas. Esses eram as Espadas. Homens santos, ascetas, fanáticos, feiticeiros, matadores de dragões, caçadores de demónios... havia muitas histórias acerca deles. Mas todos concordam que eram implacáveis no seu ódio por todos os inimigos da Santa Fé.

A Senhora Merryweather compreendeu de imediato.

— Inimigos tais como o Lorde Stannis e a sua feiticeira vermelha, talvez?

— Ora, sim, por acaso — disse Cersei, rindo-se como uma menina. — Encetamos um jarro de hipocraz e bebemos ao fervor dos Filhos do Guerreiro no caminho para casa?

— Ao fervor dos Filhos do Guerreiro e ao brilhantismo da Rainha Regente. A Cersei, a Primeira do Seu Nome!

O hipocraz era tão doce e saboroso como o triunfo de Cersei, e a liteira da rainha pareceu quase flutuar enquanto atravessava a cidade de volta à Fortaleza Vermelha. Mas na base da Colina de Aegon, encontraram Margaery Tyrell e as primas, que regressavam de um passeio. *Ela segue-me onde quer que eu vá*, pensou Cersei, aborrecida, quando pôs os olhos na pequena rainha.

Atrás de Margaery vinha uma longa comitiva de cortesãos, guardas e criados, muitos dos quais carregados com cestos de flores frescas. Cada uma das primas trazia um admirador a reboque; o espigado escudeiro Alyn Ambrose acompanhava Elinor, à qual se encontrava prometido, Sor Tallad vinha com a tímida Alla, e Mark Mullendore, com o seu único braço, seguia com Megga, rechonchuda e risonha. Os gémeos Redwyne escoltavam duas das outras damas de Margaery, Meredith Crane e Janna Fossoway. Todas as mulheres traziam flores no cabelo. Jalabhar Xho também se juntara ao grupo, tal como Sor Lambert Turnberry com a sua pala, e o bem-parecido cantor conhecido como Bardo Azul.

E claro que um cavaleiro da Guarda Real tem de acompanhar a pequena rainha, e claro que é o Cavaleiro das Flores. Numa armadura de escamas brancas com embutidos de ouro, Sor Loras resplandecia. Embora já não tomasse a liberdade de treinar Tommen no manejo das armas, o rei ainda passava muito mais tempo do que devia na sua companhia. De todas as vezes que o rapaz regressava de uma tarde passada com a sua pequena esposa, tinha alguma nova história a contar acerca de algo que Sor Loras dissera ou fizera.

Margaery saudou-os quando as duas colunas se encontraram e pôs-se ao lado da liteira da rainha. Tinha as bochechas rosadas, e os caracóis castanhos caíam-lhe livremente em volta dos ombros, agitados por cada sopro de vento.

— Temos estado a colher flores de Outono na mata do rei — disse-lhes.

Eu sei onde estiveste, pensou a rainha. Os seus informadores eram muito bons em mantê-la ao corrente dos movimentos de Margaery. *É uma rapariga tão irrequieta, a nossa pequena rainha*. Raramente deixava que se passassem mais de dois dias sem que fosse passear a cavalo. Certos dias cavalgava ao longo da estrada de Rosby à caça de conchas e para comer junto ao mar. Outras vezes levava a comitiva para a outra margem do rio, para passar uma tarde a fazer falcoaria. A pequena rainha gostava também de sair de barco, velejando para cima e para baixo ao longo da Torrente da Água Negra sem nenhum objectivo em particular. Quando estava a sentir-se piedosa, deixava o castelo para ir rezar ao Septo de Baelor. Dava freguesia a uma dúzia de costureiras diferentes, era bem conhecida entre os ourives da cidade, e até visitara o mercado de peixe perto do Portão da Lama para dar uma olhadela à captura do dia. Onde quer que fosse, o povo adulava-a, e a Senhora Margaery fazia o que podia para alimentar o seu ardor. Andava sempre a dar esmolos a pedintes, a comprar tartes quentes nas carroças dos pasteleiros, e a refrear o cavalo para falar com mercadores comuns.

Se dependesse dela, teria posto Tommen a fazer também todas essas coisas. Andava eternamente a convidá-lo para a acompanhar e às suas galinhas nas suas aventuras, e o rapaz andava eternamente a suplicar à mãe licença para ir. A rainha dera o seu consentimento algumas vezes, quanto mais não fosse para permitir que Sor Osney passasse mais algumas horas na companhia de Margaery. *É de muito isso serviu. Osney revelou-se um penoso desapontamento*.

— Lembras-te do dia em que a tua irmã zarpou para Dorne? — perguntara Cersei ao filho. — Recordas-te dos uivos da turba quando voltávamos para o castelo? Das pedras, das pragas?

Mas o rei mostrara-se surdo ao bom senso, graças à sua pequena rainha.

— Se nos misturarmos com os plebeus, eles gostarão mais de nós.

— A turba gostou tanto do Alto Septão gordo que o desfez um membro de cada vez, e ele era um homem santo — fizera-lhe lembrar. Tudo o que conseguira fora deixá-lo amuado consigo. *Tal como Margaery quer, aposto. Tenta roubar-mo todos os dias e de todas as maneiras*. Joffrey teria visto para lá do seu sorriso de intriguista e fá-la-ia ficar consciente do seu

lugar, mas Tommen era mais ingénuo. *Ela sabia que Joff era forte demais para si*, pensou Cersei, lembrando-se da moeda de ouro que Qyburn encontrara. *Para a Casa Tyrell ter esperança de governar, ele tinha de ser tirado do caminho*. Recordou-se de que Margaery e a sua hedionda avó tinham em tempos conspirado para casar Sansa Stark com o irmão aleijado da pequena rainha, Willas. O Lorde Tywin antecipara-se-lhes, casando Sansa com Tyrion, mas a ligação estava lá. *Estão todos juntos na intriga*, compreendeu com um sobressalto. *Os Tyrell subornaram os carcereiros para libertar Tyrion, e levaram-no à pressa pela estrada das rosas abaixo para se ir juntar à sua desprezível noiva. Por esta altura estão os dois a salvo em Jardim de Cima, escondidos por trás de uma muralha de rosas*.

— Devíeis ter vindo connosco, Vossa Graça — tagarelou a pequena intriguista enquanto subiam a encosta da Colina de Aegon. — Podíamos ter passado umas horas tão agradáveis juntas. As árvores estão vestidas de dourado, vermelho e laranja, e há flores por todo o lado. E castanhas também. Assámos algumas no caminho de regresso.

— Não tenho tempo para cavalgar pelos bosques e colher flores — disse Cersei. — Tenho um reino a governar.

— Só um, Vossa Graça? Quem governa os outros seis? — Margaery soltou uma alegre gargalhadinha. — Espero que perdoeis o meu gracejo. Eu conheço o fardo que suportais. Devíeis deixar-me partilhar a carga. Deve haver algumas coisas que eu possa fazer para vos ajudar. Acabaria com todo este falatório sobre vós e eu rivalizarmos pelo rei.

— É isso o que se diz? — Cersei sorriu. — Que tontice. Nunca vos olhei como uma rival, nem por um momento.

— Agrada-me tanto ouvir isso. — A rapariga não parecia aperceber-se de que fora golpeada. — Vós e Tommen tendes de vir connosco da próxima vez. Eu sei que Sua Graça adoraria. O Bardo Azul tocou para nós, e Sor Tallad mostrou-nos como lutar com um bastão, como o povo luta. Os bosques são tão lindos no Outono.

— O meu falecido esposo também adorava a floresta. — Nos anos iniciais do seu matrimónio, Robert andava eternamente a implorar para que Cersei fosse à caça com ele, mas ela sempre pedira dispensa. As viagens de caça dele permitiam-lhe passar tempo com Jaime. *Dias de ouro e noites de prata*. A dança que os dois tinham dançado fora decerto perigosa. Dentro da Fortaleza Vermelha havia olhos e ouvidos por todo o lado e nunca se podia ter a certeza de quando Robert regressaria. De algum modo, o perigo só servira para fazer com que o tempo passado juntos fosse ainda mais emocionante. — Mesmo assim, a beleza pode por vezes esconder um perigo mortal — preveniu a pequena rainha. — Robert perdeu a vida na floresta.

Margaery sorriu a Sor Loras; um sorriso doce e fraternal, cheio de carinho.

— Vossa Graça é gentil por temer por mim, mas o meu irmão mantém-me bem protegida.

Ide caçar, dissera Cersei a Robert meia centena de vezes. *O meu irmão mantém-me bem protegida*. Recordou o que Taena lhe dissera horas antes e uma gargalhada saltou-lhe dos lábios.

— Vossa Graça tem um riso tão lindo. — A Senhora Margaery deitou-lhe um sorriso zombeteiro. — Podemos saber qual é a piada?

— Sabereis — disse a rainha. — Garanto-vos que sabereis.

O PIRATA

Os tambores marcavam um ritmo de batalha enquanto a *Vitória de Ferro* se precipitava em frente, rompendo com o esporão as agitadas águas verdes. O navio mais pequeno, à sua frente, estava a virar de bordo, chicoteando o mar com os remos. Rosas agitavam-se nos seus estandartes; à proa e à popa uma rosa branca num escudete vermelho, no topo do mastro uma dourada num campo tão verde como relva. A *Vitória de Ferro* varreu-lhe o flanco com tanta força que metade do destacamento de abordagem perdeu o equilíbrio. Remos partiram-se e fizeram-se em lascas, doce música para os ouvidos do capitão.

Saltou sobre o talabardão, caindo no convés em baixo, com o manto dourado a ondear atrás de si. As rosas brancas recuaram, como os homens faziam sempre que viam Victarion Greyjoy armado e couraçado, de rosto escondido atrás do elmo em forma de lula gigante. Seguravam espadas, lanças e machados, mas nove em dez não trazia armadura, e o décimo tinha apenas um lorigão de escamas cosidas umas às outras. *Estes não são homens de ferro*, pensou Victarion. *Ainda têm medo de se afogar.*

— Apanhai-o! — gritou um homem. — Ele está sozinho!

— *VINDE!* — rugiu em resposta. — *Vinde matar-me, se conseguirdes.*

Os guerreiros rosados convergiram de todos os lados, com aço cizento nas mãos e terror por trás dos olhos. O seu medo estava tão maduro que Victarion conseguia saboreá-lo. Golpeou à esquerda e à direita, decepando o braço do primeiro homem pelo cotovelo, abrindo uma grande fenda no ombro do segundo. O terceiro enterrou o machado no mole pinho do escudo de Victarion. Empurrou-o contra a cara do idiota, derrubou-o, e matou-o quando tentou voltar a pôr-se de pé. Enquanto lutava por libertar o machado das costelas do morto, uma lança picou-o entre as omoplatas. Foi como se alguém lhe tivesse dado uma palmada nas costas. Victarion rodopiou e atirou o machado contra a cabeça do lanceiro, sentindo o impacto no braço quando o aço cortou com estrondo elmo, cabelo e crânio. O homem cambaleou durante meio segundo, até o capitão de ferro libertar o aço e empurrar o cadáver que partiu a cambalear pelo convés fora, sem força nos membros, parecendo mais bêbado do que morto.

Por essa altura já os seus nascidos no ferro o tinham seguido até ao convés do dracar quebrado. Ouvia o Wulfé Uma-Orelha soltar um uivo quando se lançou ao trabalho, vislumbrou Ragnor Pyke com a sua cota de

malha ferrugenta, viu Nute, o Barbeiro, a fazer um machado de arremesso rodopiar pelo ar e ir atingir um homem no peito. Victarion matou outro homem, e depois mais um. Teria morto um terceiro, mas Ragnor abateu-o primeiro.

— Bom golpe — berrou-lhe Victarion.

Quando se virou em busca da próxima vítima do seu machado, viu o outro capitão do outro lado do convés. Tinha o sobretudo branco manchado de sangue e tripas, mas Victarion conseguia distinguir as armas que trazia ao peito, a rosa branca dentro do seu escudete vermelho. O homem ostentava o mesmo símbolo no escudo, num campo branco com uma bordadura ameçada de vermelho.

— *Vós!* — gritou o capitão de ferro através da carnificina. — *Vós, o da rosa! Sereis vós o senhor de Escudossul?*

O outro ergueu a viseira para mostrar um rosto sem barba.

— O seu filho e herdeiro, Sor Talbert Serry. E quem sois vós, lula?

— A vossa morte. — Victarion investiu contra ele.

Serry saltou para o defrontar. A sua espada era de bom aço forjado em castelo, e o jovem cavaleiro fazia-a cantar. O seu primeiro golpe foi baixo, e Victarion afastou-o com o machado. O segundo atingiu o capitão de ferro no elmo antes de ter tempo de erguer o escudo. Victarion respondeu com um golpe lateral de machado. O escudo de Serry interpôs-se. Voaram lascas de madeira, e a rosa branca fendeu-se de cima a baixo com um belo e penetrante *crac*. A espada do jovem cavaleiro bateu-lhe na coxa, uma, duas, três vezes, gritando contra o aço. *Este rapaz é rápido*, compreendeu o capitão de ferro. Atingiu a cara de Serry com o escudo, e fê-lo cambalear para trás, de encontro ao talabardão. Victarion ergueu o machado e pôs todo o seu peso no golpe, para rasgar o rapaz do pescoço às virilhas, mas Serry rodopiou para longe. A cabeça do machado esmagou-se contra a amurada, fazendo voar lascas, e ficou aí presa quando tentou libertá-la. O convés moveu-se sob os seus pés e o homem de ferro caiu sobre um joelho.

Sor Talbert deitou fora o escudo quebrado e lançou um corte vertical com a espada. O escudo de Victarion tinha feito metade da rotação quando ele tropeçara. Apanhou a lâmina de Serry com um punho de ferro. Aço articulado foi esmagado, e uma punhalada de dor fê-lo soltar um grunhido, mas Victarion aguentou.

— Eu também sou rápido, rapaz — disse enquanto arrancava a espada das mãos do cavaleiro e a atirava ao mar.

Os olhos de Sor Talbert esbugalharam-se.

— A minha espada...

Victarion atingiu o rapaz na garganta com um punho ensanguentado.

— Vai buscá-la — disse, forçando-o a cair de costas, por cima da amurada, para dentro da água manchada de sangue.

Com aquilo conseguiu uma pausa para soltar o machado. As rosas brancas estavam a recuar perante a maré de ferro. Alguns tentavam fugir para dentro do navio, enquanto outros gritavam por tréguas. Victarion sentia sangue quente a escorrer-lhe pelos dedos, por baixo da cota de malha, do couro e do aço articulado, mas isso não era nada. Do outro lado do mastro, um espesso nó de inimigos continuava a lutar, resistindo, ombro contra ombro, num anel. *Aqueles pelo menos são homens. Preferem morrer a render-se.* Victarion iria conceder a alguns esse desejo. Bateu no escudo com o machado e carregou sobre eles.

O Deus Afogado não esculpira Victarion Greyjoy para lutar com palavras em assembleias de homens livres, nem para combater contra inimigos furtivos e dissimulados em paus intermináveis. Era para *aquilo* que fora posto na terra; para avançar vestido de aço com um machado rubro e a pingar na mão, oferecendo a morte a cada golpe.

Atacaram-no pela frente e pelas costas, mas, pelo dano que lhe causaram, as espadas bem podiam ter sido chibatas de salgueiro. Não havia lâmina capaz de atravessar o aço pesado de Victarion Greyjoy, e ele não dava aos inimigos tempo suficiente para encontrarem os pontos fracos nas juntas, onde apenas cota de malha e couro o protegiam. Que três homens o assaltassem, ou quatro, ou cinco; não fazia diferença. Matava-os um de cada vez, confiando no aço para o proteger dos outros. Quando um inimigo caía, virava a sua fúria para o seguinte.

O último homem a enfrentá-lo devia ter sido um ferreiro; os ombros pareciam os de um touro, e um deles era muito mais musculoso do que o outro. A sua armadura era uma brigantina tachonada e um boné de couro fervido. O único golpe que deu completou a destruição do escudo de Victarion, mas a estocada que este atirou em resposta abriu-lhe a cabeça em duas. *Seria bom se pudesse lidar com o Olho de Corvo com esta simplicidade.* Quando voltou a libertar o machado, o crânio do ferreiro pareceu rebentar. Osso, sangue e cérebro saltaram para todo o lado, e o cadáver caiu para a frente, contra as suas pernas. *Tarde demais para suplicar agora por tréguas,* pensou Victarion enquanto se desenredava do morto.

Por essa altura, o convés encontrava-se escorregadio sob os seus pés, e os mortos e moribundos jaziam em pilhas por todos os lados. Deitou o escudo fora e encheu os pulmões de ar.

— Senhor capitão — ouviu o Barbeiro dizer a seu lado — o dia é nosso.

A toda a volta, o mar estava cheio de navios. Alguns ardiam, outros afundavam-se, outros tinham sido feitos em lascas. Entre os cascos, a água

estava espessa como guisado, cheia de cadáveres, ramos quebrados e homens agarrados aos destroços. À distância, meia dúzia dos dracares dos homens do sul corriam de volta ao Vago. *Que vão*, pensou Victarion, *que contem a história*. Depois de um homem virar costas e fugir da batalha deixava de ser um homem.

Os seus olhos ardiam do suor que neles entrara durante a luta. Dois dos seus remadores ajudaram-no a desprender o elmo da lula gigante para que o pudesse tirar. Victarion limpou a testa.

— Aquele cavaleiro — resmungou — o cavaleiro da rosa branca. Algum de vós o puxou para fora? — O filho de um senhor valeria um resgate considerável; do pai, se o Lorde Serry tivesse sobrevivido àquele dia. Do seu suserano em Jardim de Cima se não.

Mas nenhum dos seus homens tinha visto o que acontecera ao cavaleiro depois de ir borda fora. O mais provável era que o homem se tivesse afogado.

— Que se banqueteie tão bem como lutou, nos salões aquáticos do Deus Afogado. — Embora os homens das Ilhas Escudo chamassem a si mesmos marinheiros, cruzavam os mares aterrorizados e seguiam levemente vestidos para a batalha, com medo do afogamento. O jovem Serry fora diferente. *Um homem corajoso*, pensou Victarion. *Quase um nascido no ferro*.

Entregou o navio capturado a Ragnor Pyke, nomeou uma dúzia de homens para o tripular, e subiu de volta para a sua *Vitória de Ferro*.

— Despe os cativos de armas e armaduras e liga-lhes os ferimentos — disse a Nute, o Barbeiro. — Atira os moribundos ao mar. Se algum pedir misericórdia, corta-lhe a garganta primeiro. — Só sentia desprezo por homens assim; era melhor afogar-se em água do mar do que em sangue. — Quero uma contagem dos navios que ganhámos e de todos os cavaleiros e fidalgos que capturámos. Também quero os seus estandartes. — Um dia pendurá-los-ia no seu salão, para que quando se tornasse velho e frágil pudesse recordar todos os inimigos que matara quando era jovem e forte.

— Será feito. — Nute fez um sorriso. — É uma bela vitória.

Sim, pensou, *uma grande vitória para o Olho de Corvo e os seus feiticeiros*. Os outros capitães voltariam a gritar o nome do irmão quando as notícias chegassem a Escudorroble. Euron seduzira-os com a sua língua fluente e olho sorridente e prendera-os à sua causa com o saque de meia centena de terras distantes; ouro e prata, armaduras ornamentadas, espadas curvas com botões de punho dourados, punhais de aço valiriano, peles listadas de tigres e de gatos malhados, mantícoras de jade e antigas esfinges valirianas, arcas de noz-moscada, cravinho e açafraão, presas de marfim e chifres de unicórnio, penas verdes, cor-de-laranja e amarelas vindas do Mar

do Verão, rolos de boa seda e cintilante samito... e no entanto tudo isso era quase nada, comparado com isto. *Agora, deu-lhes conquista, e são seus de uma vez por todas*, pensou o capitão. O sabor que tinha na língua era amargo. *Esta vitória foi minha, não dele. Onde estava ele? Em Escudorroble, a preguiçar num castelo. Roubou-me a esposa e roubou-me o trono, e agora rouba-me a glória.*

A obediência era natural para Victarion Greyjoy; nascera nela. Crescendo até à idade adulta à sombra dos irmãos, seguira obedientemente Balon em tudo o que ele fizera. Mais tarde, quando os filhos de Balon nasceram, fora aos poucos aceitando a ideia de um dia também ajoelhar perante eles, quando um tomasse o lugar do pai na Cadeira da Pedra do Mar. Mas o Deus Afogado chamara Balon e os filhos para os seus salões aquáticos, e Victarion não conseguia chamar “rei” a Euron sem sentir o gosto da bília na garganta.

O vento estava a tornar-se mais fresco, e sentia uma sede furiosa. Depois de uma batalha desejava sempre vinho. Entregou o convés a Nute e desceu. Na sua apertada cabina de ré, foi encontrar a mulher morena, húmida e pronta; a batalha talvez tivesse também a ela aquecido o sangue. Tomou-a por duas vezes, em rápida sucessão. Quando terminaram, havia sangue espalhado pelos seus seios, coxas e barriga, mas era sangue dele, proveniente do golpe que tinha na palma da mão. A morena lavou-lho com vinagre fervido.

— O plano era bom, admito — disse Victarion quando ela se ajoelhou a seu lado. — O Vago está agora aberto para nós, como estava antigamente. — O rio era indolente, largo, lento e traiçoeiro com escolhos e bancos de areia. A maior parte das embarcações marítimas não se atrevia a navegar para lá de Jardim de Cima, mas os dracares, com os seus baixos calados, podiam subir até Pontamarga. Nos tempos antigos, os nascidos no ferro tinham velejado ousadamente pela estrada do rio e feito pilhagens ao longo de todo o Vago e dos seus afluentes... até que os reis da mão verde armaram os pescadores das quatro pequenas ilhas ao largo da foz do Vago e os nomearam seus escudos.

Tinham-se passado dois mil anos, mas nas torres de vigia ao longo das suas costas escarpadas os grisalhos ainda mantinham a antiga vigília. Ao primeiro vislumbre de dracares, os velhos acendiam as suas fogueiras sinaleiras, e o chamado saltava de monte em monte e de ilha em ilha. *Medo! Inimigos! Atacantes! Atacantes!* Quando os pescadores viam as fogueiras a arder nos sítios altos, punham de lado as redes e os arados e pegavam nas espadas e machados. Os seus senhores saíam em corrida dos castelos, servidos por cavaleiros e homens de armas. Cornos de guerra ecoavam sobre as águas, vindos de Escudoverde e Escudogris, de Escudorroble e Escudossul,

e os seus dracares deslizavam de enseadas de pedra coberta de musgo ao longo das costas, com os remos a relampejar enquanto atravessavam em nuvens os estreitos e iam selar o Vago e perseguir e assolar os atacantes rio acima até à sua destruição.

Euron mandara Torwold Browntooth e o Remador Vermelho para o Vago com uma dúzia de dracares rápidos, para que os senhores das Ilhas Escudo partissem em perseguição. Quando a frota principal chegara, só restava uma mão cheia de guerreiros a defender as ilhas propriamente ditas. Os nascidos no ferro tinham vindo na maré do fim da tarde, para que o clarão do poente os mantivesse escondidos dos grisalhos nas torres de vigia até ser tarde demais. Tinham o vento pelas costas, como estivera ao longo de toda a viagem desde Velha Wyk. Murmurava-se na frota que os feiticeiros de Euron tinham mais do que muito a ver com isso, que o Olho de Corvo apaziguava o Deus da Tempestade com sacrifícios de sangue. De que outra forma se atreveria a velejar até tão longe para oeste, em vez de seguir a linha de costa como era costume?

Os nascidos no ferro encalharam os seus dracares nas praias de cascalho e jorraram para o crepúsculo púrpura com aço a cintilar nas mãos. Por essa altura, já as fogueiras ardiam nos locais elevados, mas poucos tinham ficado para trás para pegar em armas. Escudogris, Escudoverde e Escudossul caíram antes de o Sol nascer. Escudorroble resistiu mais meio dia. E quando os homens dos Quatro Escudos desistiram da perseguição movida a Torwold e ao Remador Vermelho e viraram para jusante, foram encontrar a Frota de Ferro à sua espera na foz do Vago.

— Tudo aconteceu como Euron disse — disse Victarion à morena enquanto ela lhe ligava a mão com linho. — Os seus feiticeiros devem tê-lo visto. — O irmão tinha três a bordo do *Silêncio*, confienciara Quellon Humble num murmúrio. — Mas ainda precisa de mim para travar as suas batalhas — insistiu Victarion. — Os feiticeiros podem ser muito bons, mas é o sangue e o aço que vence as guerras. — O vinagre fez o ferimento doer mais do que nunca. Afastou a mulher com um empurrão e fechou o punho, carrancudo. — Traz-me vinho.

Bebeu na escuridão, matutando no irmão. *Se não der o golpe com a minha própria mão, serei na mesma um fraticida?* Não havia homem que Victarion temesse, mas a maldição do Deus Afogado fazia-o hesitar. *Se for outro a abatê-lo às minhas ordens, o seu sangue manchará também as minhas mãos?* Aeron Cabelo-Molhado saberia a resposta, mas o sacerdote estava algures nas Ilhas de Ferro, ainda com esperança de amotinar os nascidos no ferro contra o seu rei recém-coroadado. *Nute, o Barbeiro, é capaz de barbear um homem com um machado arremessado de vinte metros de distância. E nenhum dos mestiços de Euron conseguiria resistir a Wulfe*

Uma-Orelha ou a Andrik, o Sério. Qualquer deles poderia fazê-lo. Mas sabia que o que um homem *pode* fazer e o que um homem *quer* fazer eram duas coisas diferentes.

— As blasfêmias de Euron farão cair a fúria do Deus Afogado sobre todos nós — profetizara Aeron, ainda em Velha Wyk. — Temos de o deter, irmão. Ainda somos do sangue de Balon, não somos?

— Ele também é — dissera Victarion. — Não gosto disto mais do que tu, mas Euron é o rei. A tua assembleia de homens livres elegeu-o, e foste tu próprio quem lhe pôs na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar!

— Eu pus-lhe a coroa na cabeça — dissera o sacerdote, com algas a pingar no cabelo — e de bom grado lha voltaria a arrancar e te coroaria no seu lugar. Só tu tens força suficiente para lutar contra ele.

— Foi o Deus Afogado que o elevou — protestara Victarion. — Que seja o Deus Afogado a derrubá-lo.

Aeron deitara-lhe um olhar sinistro, o olhar que tinha fama de tornar imprópria a água de poços e deixar estéreis as mulheres.

— Não foi o deus que falou. Sabe-se que Euron tem feiticeiros e magos malignos naquele seu navio vermelho. Eles atiraram algum feitiço sobre nós, para não conseguirmos ouvir o mar. Os capitães e os reis estavam bêbados com toda aquela conversa de dragões.

— Bêbados, ou com medo daquele corno. Ouviste o som que ele fez. Mas não importa. Euron é o nosso rei.

— Meu, não — declarou o sacerdote. — O Deus Afogado ajuda os valentes, não aqueles que se aninham dentro dos navios quando a tempestade chega. Se não te queres mexer para remover o Olho de Corvo da Cadeira da Pedra do Mar, tenho de ser eu a pôr mãos a essa obra.

— Como? Não tens navios, não tens espadas.

— Tenho a minha voz — respondera o sacerdote — e o deus está comigo. Minha é a força do mar, uma força à qual o Olho de Corvo não pode esperar resistir. As vagas podem quebrar-se na montanha, mas continuam a vir, vaga atrás de vaga, e no fim só restarão calhaus onde esteve a montanha. E em breve até os calhaus são varridos para longe, para o chão sob o mar para toda a eternidade.

— Calhaus? — resmungara Victarion. — Estás louco se pensas em derrubar o Olho de Corvo com conversas sobre ondas e calhaus.

— Os nascidos no ferro serão as vagas — dissera o Cabelo-Molhado. — Não os grandes e senhoriais, mas o povo simples, os que lavram a terra e os que pescam no mar. Os capitães e os reis fizeram subir Euron, mas o povo derrubá-lo-á. Irei a Grande Wyk, a Harlaw, a Montrasgo, à própria Pyke. As minhas palavras serão ouvidas em cada vila e aldeia. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar! — Abanara a

cabeça hirsuta e penetrara a passos largos na noite. Quando o sol se erguera no dia seguinte, Aeron Greyjoy desaparecera da Velha Wyk. Nem mesmo os seus afogados sabiam para onde. Dizia-se que o Olho de Corvo se limitara a rir quando lho disseram.

Mas embora o sacerdote tivesse desaparecido, os seus terríveis avisos tinham ficado. Victarion deu por si a lembrar-se também das palavras de Baelor Blacktyde. “*Balon era louco, Aeron é mais louco ainda, e Euron é o mais louco de todos.*” O jovem senhor tentara zarpar para casa após a assembleia de homens livres, recusando-se a aceitar Euron como suserano. Mas a Frota de Ferro fechara a baía, pois o hábito da obediência estava profundamente inculcado em Victarion Greyjoy, e Euron usava a coroa de madeira trazida pelo mar. O *Voador da Noite* fora apreendido, e o Lorde Blacktyde entregue agrilhado ao rei. Os mudos e mestiços de Euron tinham-no cortado em sete partes, para alimentar os sete deuses das terras verdes que ele adorara.

Como recompensa pelo seu leal serviço, o recém-coroadado rei dera a Victarion a morena, roubada a algum mercador de escravos a caminho de Lys.

— Não quero nenhuma das tuas sobras — dissera desdenhosamente ao irmão, mas quando o Olho de Corvo dissera que a mulher seria morta se não a aceitasse, fraquejara. A língua dela tinha sido arrancada, mas à parte esse pormenor estava intacta, e era também bela, com uma pele tão castanha como teca oleada. Mas por vezes, quando a olhava, dava por si a lembrar-se da primeira mulher que o irmão lhe dera, para fazer dele um homem.

Victarion quis voltar a usar a morena, mas achou-se incapaz.

— Vai-me buscar outro odre de vinho — disse-lhe — e depois sai. — Quando ela regressou com um odre de um tinto amargo, o capitão levou-o para o convés, onde podia respirar o ar limpo do mar. Bebeu metade do odre e despejou o resto no mar para todos os homens que tinham morrido.

A *Vitória de Ferro* permaneceu durante horas ao largo da foz do Vago. Enquanto a maior parte da Frota de Ferro se punha a caminho de Escudorroble, Victarion manteve o *Luto*, o *Lorde Dagon*, o *Vento de Ferro* e a *Desgraça da Donzela* em seu redor como retaguarda. Içaram sobreviventes do mar, e viram a *Mão-Dura* afundar-se lentamente, arrastada para o fundo pelo destroço que abalroara. Quando o navio desapareceu sob as águas, Victarion tinha a contagem que pedira. Perdera seis navios, e capturara trinta e oito.

— Servirá — disse a Nute. — Aos remos. Regressamos à Vila do Lorde Hewett.

Os remadores esforçaram as costas em direcção a Escudorroble, e o capitão de ferro voltou a ir para baixo.

— Podia matá-lo — disse à morena. — Embora seja um grande pecado matar um rei, e um pecado pior matar um irmão. — Franziu o sobrolho. — Asha ter-me-ia dado a sua voz. — Como podia ela ter esperado conquistar os capitães e os reis com as suas pinhas e nabos? *O sangue de Balon corre-lhe nas veias, mas não deixa de ser uma mulher.* Fugira após a assembleia de homens livres. Na noite em que a coroa de madeira trazida pelo mar fora colocada na cabeça de Euron, ela e a sua tripulação tinham-se esfumado. Uma pequena parte de Victarion sentia-se satisfeita com isso. *Se a rapariga mantiver a cabeça no lugar, casará com algum lorde nortenho e viverá com ele no seu castelo, longe do mar e de Euron Olho de Corvo.*

— A Vila do Lorde Hewett, Senhor Capitão — gritou um tripulante.

Victarion ergueu-se. O vinho abafara o latejar na sua mão. Talvez a levasse ao mestre de Hewett para que a visse, se o homem não tivesse sido morto. Regressou ao convés no momento em que dobravam um promontório. O modo como o castelo do Lorde Hewett se erguia por cima do porto fez-lhe lembrar Fidalporto, embora aquela vila fosse duas vezes maior. Uma vintena de dracares patrulhava as águas para lá da enseada, com a lula gigante dourada a estremecer nas suas velas. Centenas de outros navios encontravam-se encalhados ao longo das praias de cascalho e içados para os pontões que rodeavam o porto. Num cais de pedra viam-se três grandes cocas e uma dúzia de outras mais pequenas, a embarcar saque e provisões. Victarion deu ordens para a *Vitória de Ferro* largar âncora.

— Manda preparar um bote.

A vila parecia estranhamente parada quando se aproximaram. A maior parte das lojas e casas tinha sido saqueada, como as suas portas arrombadas e portadas quebradas testemunhavam, mas só o septo fora passado ao archote. As ruas estavam juncadas de cadáveres, todos eles com um pequeno bando de gralhas-pretas a prestar-lhes assistência. Um bando de taciturnos sobreviventes deslocava-se entre eles, afastando as aves negras e atirando os mortos para um carro a fim de serem enterrados. A ideia encheu Victarion de repugnância. Nenhum verdadeiro filho do mar queria apodrecer debaixo da terra. Como encontraria os salões aquáticos do Deus Afogado, para beber e banquetear-se por toda a eternidade?

O *Silêncio* encontrava-se entre os navios por que passaram. O olhar de Victarion foi atraído para a sua figura de proa em ferro, a donzela sem boca com o cabelo soprado pelo vento e braço estendido. Os seus olhos de madreperola pareceram segui-lo. *Ela tinha uma boca como qualquer outra mulher, até o Olho de Corvo lha coser.*

Ao aproximarem-se da costa, reparou numa fila de mulheres e crianças que eram pastoreadas para o convés de uma das grandes cocas. Algu-

mas tinham as mãos atadas atrás das costas, e todas usavam laços de corda de cânhamo em torno do pescoço.

— Quem são? — perguntou aos homens que ajudaram a amarrar o seu bote.

— Viúvas e órfãos. Vão ser vendidas como escravas.

— Vendidas? — Não havia escravos nas Ilhas de Ferro, havia apenas servos. Um servo estava obrigado a servir, mas não era um bem. Os seus filhos nasciam livres, desde que fossem entregues ao Deus Afogado. E os servos nunca eram comprados ou vendidos em troca de ouro. Se um homem não pagasse o preço de ferro por servos, não tinha nenhum. — Deviam ser servas, ou esposas de sal — protestou Victarion.

— É por decreto do rei — disse o homem.

— Os fortes sempre tiraram aos fracos — disse Nute, o Barbeiro. — Servas ou escravas, não tem importância. Os seus homens não foram capazes de as defender, portanto agora são nossas, para fazermos com elas o que quisermos.

O Costume Antigo não é assim, podia ter dito, mas não houve tempo. A sua vitória precedera-o, e os homens estavam a reunir-se à sua volta para lhe dar os parabéns. Victarion deixou-os adúlá-lo, até que um se pôs a elogiar a ousadia de Euron.

— É ousado velejar longe de vista de terra, para que nenhuma notícia da nossa aproximação chegasse a estas ilhas antes de nós — resmungou — mas atravessar metade do mundo para ir caçar dragões, isso é outra coisa. — Não esperou resposta, e abriu caminho através da aglomeração e dirigiu-se à fortaleza.

O castelo do Lorde Hewett era pequeno mas forte, com paredes espessas e portões de carvalho com rebites que evocavam as antigas armas da sua Casa, um escudete de carvalho com rebites de ferro sobre um fundo ondado de azul e branco. Mas era a lula gigante de Greyjoy que flutuava agora no topo das suas torres de telhados verdes, e foram encontrar os grandes portões queimados e partidos. Nas ameias caminhavam homens de ferro com lanças e machados, e também alguns dos mestiços de Euron.

No pátio, Victarion encontrou Gorold Goodbrother e o velho Drumm, conversando em voz baixa com Rodrik Harlaw. Nute, o Barbeiro, soltou um grito ao vê-los.

— Leitor — gritou — porquê a cara de caso? Os vossos receios não serviram de nada. O dia é nosso e é nossa a recompensa!

A boca do Lorde Rodrik franziu-se.

— Falas destes rochedos? Os quatro juntos não chegam a fazer uma Harlaw. Conquistámos umas quantas pedras, árvores e bugigangas, e a inimizade da Casa Tyrell.

— As rosas? — Nute soltou uma gargalhada. — Que rosa pode causar dano às lulas gigantes das profundezas? Tirámo-lhes os escudos, e fizemo-los a todos em bocados. O que os protegerá agora?

— Jardim de Cima — respondeu o Leitor. — Em breve, todo o poderio da Campina será reunido contra nós, Barbeiro, e então pode ser que fiques a saber que há rosas com espinhos de aço.

Drumm anuiu com a cabeça, com uma mão no cabo da sua Rubra Chuva.

— O Lorde Tarly usa a espada Veneno do Coração, forjada de aço valiriano, e está sempre na vanguarda Tyrell.

A ira de Victarion estalou.

— Que venha. Tornarei minha a espada dele, tal como o vosso antepassado tomou a Rubra Chuva. Que venham todos, e que tragam também os Lannister. Um leão pode ser bastante feroz em terra, mas no mar é a lula gigante que tem o poder supremo. — Daria metade dos dentes pela hipótese de experimentar o machado contra o Regicida ou o Cavaleiro das Flores. Era esse o tipo de batalha que compreendia. O fraticida era amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens, mas o guerreiro era honrado e reverenciado.

— Não tenhais medo, Senhor Capitão — disse o Leitor. — Todos eles virão. Sua Graça deseja-o. Por que outro motivo nos teria ordenado que deixássemos voar os corvos de Hewett?

— Vós ledes demasiado e não lutais o suficiente — disse Nute. — O vosso sangue é leite. — Mas o Leitor fingiu que não ouviu.

Um festim tempestuoso desenrolava-se quando Victarion entrou no salão. Nascidos no ferro enchiam as mesas bebendo, gritando e empurrando-se uns aos outros, vangloriando-se dos homens que tinham morto, dos feitos que tinham realizado, daquilo que tinham conquistado. Muitos estavam ornamentados com objectos pilhados. O Lucas Mão-Esquerda Codd e Quellon Humble tinham arrancado tapeçarias das paredes para servirem de mantos. Germund Botley usava um fio de pérolas e granadas sobre a sua dourada placa de peito Lannister. Andrik, o Sério, andava por ali a cambalear com uma mulher debaixo de cada braço; embora continuasse sério, tinha anéis em todos os dedos. Em vez de travessas esculpidas em velho pão bolorento, os capitães comiam de bandejas de prata maciça.

O rosto de Nute, o Barbeiro, escureceu de fúria enquanto olhava em volta.

— O Olho de Corvo envia-nos para enfrentar os dracares, enquanto os seus homens tomam os castelos e as aldeias e arrecadam todo o saque e as mulheres. Que foi que deixou para nós?

— Nós temos a glória.

— A glória é boa — disse Nute — mas o ouro é melhor.

Victarion encolheu os ombros.

— O Olho de Corvo diz que teremos Westeros inteiro. A Árvore, Vivelha, Jardim de Cima... será aí que encontrarás o teu ouro. Mas basta de conversas. Tenho fome.

Por direito de sangue, Victarion podia ter exigido um lugar no estrado, mas não queria comer com Euron e as suas criaturas. Em vez disso, escolheu um lugar junto a Ralf, o Coxo, capitão do *Lorde Quellon*.

— Uma grande vitória, Senhor Capitão — disse o Coxo. — Uma vitória merecedora de uma senhoria. Vós devíeis ficar com uma ilha.

Lorde Victarion. Sim, e porque não? Podia não ser a Cadeira da Pedra do Mar, mas seria alguma coisa.

Hotho Harlaw estava do outro lado da mesa a chupar carne de um osso. Deitou-o fora com um piparote e dobrou-se para a frente.

— O Cavaleiro vai ficar com Escudogris. O meu primo. Sabíeis?

— Não. — Victarion olhou para o outro lado do salão, para onde Sor Harras Harlaw bebia vinho de uma taça dourada; um homem alto, de rosto comprido e austero. — Porque daria Euron uma ilha àquele?

Hotho ergueu a sua taça de vinho vazia e uma pálida jovem com um vestido de veludo azul e renda dourada voltou a encher-lha.

— O Cavaleiro tomou Vila Severa sozinho. Plantou o estandarte junto ao castelo e desafiou os Grimm a enfrentá-lo. Um fê-lo, depois outro, e outro a seguir. Matou-os a todos... bem, quase, dois renderam-se. Quando o sétimo homem caiu, o septão do Lorde Grimm decidiu que os deuses tinham falado e entregou o castelo. — Hotho soltou uma gargalhada. — Ele vai ser Senhor de Escudogris, e que lhe faça bom proveito. Com ele longe, sou eu o herdeiro do Leitor. — Bateu no peito com a taça de vinho. — Hotho, o Corcunda, Senhor de Harlaw.

— Sete, dizeis. — Victarion perguntou a si próprio como Anoitecer se aguentaria contra o seu machado. Nunca lutara contra um homem armado com uma lâmina de aço valiriano, embora tivesse sovado muitas vezes o jovem Harras Harlaw quando ambos eram jovens. Em rapaz, Harlaw fora um grande amigo do filho mais velho de Balon, Rodrik, que morrera à sombra das muralhas de Guardamar.

O banquete era bom. O vinho era dos melhores, e havia boi assado, mal passado e em sangue, e também pato recheado e baldes de caranguejo fresco. O Senhor Comandante não deixou de reparar que as raparigas de servir usavam finas lãs e faustosos veludos. Tomou-as por ajudantes de cozinha aperaltadas com as roupas da Senhora Hewett e das suas damas, até que Hoth lhe disse que *eram* a Senhora Hewett e as suas damas. Eram oito: sua senhoria, ainda bem-parecida embora tivesse ganho alguma robustez,

e sete mulheres mais jovens com idades entre os vinte e cinco e os dez anos, suas filhas e noras.

O Lorde Hewett, em pessoa, estava sentado no seu lugar habitual sobre o estrado, vestido com todos os seus enfeites heráldicos. Os braços e as pernas tinham sido atados à cadeira, e um enorme rabanete branco fora enfiado entre os seus dentes para que não pudesse falar... embora pudesse ver e ouvir. O Olho de Corvo ocupara o lugar de honra à mão direita de sua senhoria. Tinha uma rapariga bonita e roliça de dezassete ou dezoito anos ao colo, descalça e desgrenhada, com os braços em volta do seu pescoço.

— Quem é aquela? — perguntou Victarion aos homens que o rodeavam.

— A bastarda de sua senhoria — disse Hotho com uma gargalhada. — Antes de Euron tomar o castelo, era obrigada a servir os outros à mesa e a tomar as refeições com os criados.

Euron levou os lábios azuis ao pescoço da rapariga, e ela soltou um risinho e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Sorrindo, ele voltou a beijar-lhe a garganta. A pele branca da rapariga estava coberta de marcas vermelhas onde a boca dele estivera; formavam um colar rosado em volta do seu pescoço e ombros. Outro sussurro ao ouvido, e desta vez o Olho de Corvo riu alto, após o que bateu com a taça de vinho na mesa, pedindo silêncio.

— Boas senhoras — gritou para as suas criadas bem nascidas — Falia está preocupada com os vossos belos vestidos. Não quer vê-los manchados de gordura, vinho e apalpadelas de dedos sujos, visto que lhe prometi que podia escolher a sua roupa entre os vossos guarda-roupas depois do banquete. Portanto o melhor é que vos dispais.

Um rugido de gargalhadas varreu o grande salão, e a cara do Lorde Hewett ficou tão vermelha que Victarion julgou que a cabeça lhe rebentaria. As mulheres não tiveram alternativa a obedecer. A mais nova chorou um pouco, mas a mãe confortou-a e ajudou a desfazer os nós pelas costas abaixo. Depois, continuaram a servir como antes, movendo-se entre as mesas com jarros cheios de vinho para encher todas as taças vazias, só que agora o faziam nuas.

Ele envergonha Hewett como em tempos me envergonhou a mim, pensou o capitão, recordando-se do modo como a esposa soluçara enquanto ele a espancava. Sabia que os habitantes dos Quatro Escudos se casavam frequentemente entre si, tal como os nascidos no ferro. Uma daquelas criadas nuas podia perfeitamente ser esposa de Sor Talbert Serry. Uma coisa era matar um inimigo, outra era desonrá-lo. Victarion fez um punho. Tinha a mão ensanguentada onde o ferimento empapara o linho.

No estrado, Euron empurrou a sua cadela para o lado e trepou para

cima da mesa. Os capitães puseram-se a bater com as taças na mesa e a patear no chão.

— *EURON!* — gritavam. — *EURON! EURON! EURON!* — Era de novo a assembleia de homens livres.

— Jurei dar-vos Westeros — disse o Olho de Corvo quando o tumulto esmoreceu — e aqui tendes um pouco dele para saborear. Um bocado, nada mais do que isso... mas banquetear-nos-emos antes do cair da noite! — Os archotes ao longo das paredes soltavam um brilho vivo, e ele também, lábios azuis, olho azul e tudo. — O que a lula gigante agarra não larga. Estas ilhas foram em tempos nossas, e agora são-no de novo... mas precisamos de homens fortes para as defender. Portanto erguei-vos, Sor Harras Harlaw, Senhor de Escudogris. — O Cavaleiro pôs-se em pé, com uma mão apoiada no botão de pedra da lua da Anoitecer. — Erguei-vos, Andrik, o Sério, Senhor de Escudossul. — Andrik empurrou as suas mulheres para o lado e levantou-se de um salto, como uma montanha que se erguesse súbita do mar. — Erguei-vos, Maron Volmark, Senhor de Escuverde. — Um rapazinho imberbe de dezasseis anos, Volmark pôs-se hesitantemente em pé, parecendo um senhor dos coelhos. — E erguei-vos, Nute, o Barbeiro, Senhor de Escudorroble.

Os olhos de Nute puseram-se cautelosos, como se ele temesse estar a ser alvo de um gracejo cruel.

— Um lorde? — grasnou.

Victarion esperara que o Olho de Corvo entregasse as senhorias às suas criaturas, ao Stonehand, ao Remador Vermelho e ao Lucas Mão-Esquerda Codd. *Um rei tem de ser pródigo*, tentou dizer a si próprio, mas outra voz sussurrou: *Os presentes de Euron estão envenenados*. Quando revirou a ideia na cabeça, viu-o com clareza. *O Cavaleiro era o herdeiro escolhido pelo Leitor, e Andrik, o Sério, o forte braço direito de Dunstan Drumm. Volmark é um rapaz inexperiente, mas tem em si o sangue do Harren Negro por via materna. E o Barbeiro...*

Victarion agarrou-o pelo antebraço.

— Recusa-o!

Nute olhou-o como se tivesse enlouquecido.

— Recusar? Terras e uma senhoria? Irás tu fazer de mim um senhor?

— Libertou o braço com um puxão e pôs-se em pé, gozando os vivas.

E agora rouba-me os homens, pensou Victarion.

O Rei Euron chamou pela Senhora Hewett para que lhe trouxesse uma nova taça de vinho e ergueu-a bem alto acima da cabeça.

— Capitães e reis, erguei as taças aos Senhores dos Quatro Escudos!

— Victarion bebeu com os outros. *Não há vinho mais doce do que o vinho roubado a um inimigo*. Alguém lhe dissera aquilo um dia. O pai, ou o irmão

Balon. *Um dia beberei o teu vinho, Olho de Corvo, e roubar-te-ei tudo o que te é querido.* Mas haveria alguma coisa que fosse querida a Euron?

— Amanhã preparamo-nos de novo para zarpar — estava o rei a dizer. — Enchei as barricas de novo com água de nascente, levai todas as sacas de cereais e barris de carne de vaca e tantas ovelhas e cabras que possamos transportar. Os feridos que ainda estiverem suficientemente vigorosos para puxar por um remo, remarão. Os outros ficarão aqui, para ajudar a manter estas ilhas nas mãos dos seus novos senhores. Torwold e o Remador Vermelho regressarão em breve com mais provisões. Os nossos conveses irão feder a porcos e galinhas na viagem para leste, mas regressaremos com dragões.

— Quando? — A voz era a do Lorde Rodrik. — Quando regressaremos, Vossa Graça? Dentro de um ano? Três anos? Cinco? Os vossos dragões estão a um mundo de distância, e o Outono chegou. — O Leitor avançou, enumerando todos os perigos. — Galés defendem os Estreitos Redwyne. A costa dornesa é seca e estéril, quatrocentas léguas de remoinhos, falésias e baixios escondidos, quase desprovida de um desembarcadouro seguro seja onde for. Depois, esperam-nos os Degraus, com as suas tempestades e os seus ninhos de piratas lisenos e miranos. Se um milhar de navios se fizer à vela, trezentos poderão chegar ao outro lado do mar estreito... e então, o quê? Lys não nos dará as boas-vindas, e Volantis tampouco. Onde encontrareis água doce e alimentos? A primeira tempestade dispersar-nos-á por metade da terra.

Um sorriso brincou nos lábios azuis de Euron.

— Eu *sou* a tempestade, senhor. A primeira tempestade e a última. Levei o *Silêncio* em viagens mais longas do que esta, e em viagens muito mais perigosas. Esqueceste-vos? Naveguei pelo Mar Fumegante e vi Valéria.

Todos os presentes sabiam que a Destruição ainda reinava em Valéria. Ali, o próprio mar fervia e fumegava, e a terra fora invadida por demónios. Dizia-se que qualquer marinheiro que sequer vislumbrasse as montanhas de fogo de Valéria a erguer-se acima das vagas morreria em breve uma morte terrível, e no entanto o Olho de Corvo estivera lá e regressara.

— Ah vistes? — perguntou o Leitor, tão suavemente.

O sorriso azul de Euron eclipsou-se.

— Leitor — disse, no meio do silêncio, — faríeis melhor se mantivésseis o nariz nos vossos livros.

Victarion conseguia sentir o constrangimento no salão. Pôs-se em pé.

— Irmão — trovejou. — Não respondeste às perguntas de Harlaw.

Euron encolheu os ombros.

— O preço dos escravos está a subir. Venderemos os nossos escravos em Lys e Volantis. Isso e o saque que capturámos aqui dar-nos-ão ouro suficiente para comprar provisões.

— Agora somos traficantes de escravos? — perguntou o Leitor. — E para quê? Dragões que nenhum dos presentes viu? Deveremos perseguir a fantasia de um qualquer marinheiro bêbado até ao longínquo fim da terra?

As suas palavras geraram resmungos de assentimento.

— A Baía dos Escravos é longe demais — gritou Ralf, o Coxo.

— E perto demais de Valíria — gritou Quellon Humble. Fralegg, o Forte, disse:

— Jardim de Cima é perto. Procuremos por dragões aí, digo eu. Da espécie *dourada*! — Alwyn Sharp disse:

— Para quê navegar pelo mundo quando temos o Vago à nossa frente? — O Ralf Vermelho Stonehouse pôs-se em pé num salto.

— Vilavelha é mais rica, e a Árvore ainda mais. A frota Redwyne anda por longe. Só temos de estender a mão para colher a mais madura fruta de Westeros.

— Fruta? — O olho do rei parecia mais negro do que azul. — Só um cobarde rouba um fruto quando pode tomar o pomar.

— É a Árvore que queremos — disse o Ralf Vermelho, e outros homens acompanharam-no no grito. O Olho de Corvo deixou-se varrer pelos gritos. Então saltou da mesa, agarrou a sua cadela pelo braço, e arrastou-a para fora do salão.

Fugiu como um cão. O controlo de Euron sobre a Cadeira da Pedra do Mar pareceu de súbito não estar tão firme como estivera momentos antes. *Eles não o seguirão até à Baía dos Escravos. Talvez não sejam tão cães e tolos como eu temi.* Aquilo era uma ideia tão alegre que Victarion teve de a empurrar para baixo. Esvaziou uma taça com o Barbeiro, para lhe mostrar que não lhe tinha má vontade pela senhoria, mesmo tendo vindo da mão de Euron.

Lá fora, o sol pôs-se. A escuridão reuniu-se para lá das paredes, mas dentro delas os archotes ardiam com um brilho alaranjado, e o fumo que deitavam concentrava-se sob as vigas do telhado como uma sombra cinzenta. Bêbados puseram-se a dançar a dança dos dedos. A certa altura, o Lucas Mão-Esquerda Codd decidiu que desejava uma das filhas do Lorde Hewett, e possuiu-a sobre a mesa enquanto as irmãs gritavam e soluçavam.

Victarion sentiu uma pancada no ombro. Um dos filhos mestiços de Euron estava na sua frente, um rapaz de dez anos com um cabelo lanoso e a pele da cor da lama.

— O meu pai quer falar convosco.

Victarion ergueu-se, pouco firme. Era um homem grande, com uma vasta capacidade para o vinho, mas mesmo assim bebera demasiado. *Espanquei-a até à morte com as minhas próprias mãos,* pensou, *mas o Olho de Corvo matou-a quando se enfiou nela. Eu não tive alternativa.* Seguiu o

pequeno bastardo para fora do salão e pela espiral de uma escada em pedra acima. Os sons da violação e da festança foram diminuindo à medida que subiam, até restar apenas o suave raspar das botas em pedra.

O Olho de Corvo ocupara o quarto do Lorde Hewett com a sua filha bastarda. Quando Victarion entrou, a rapariga estava estendida nua na cama, a ressonar baixinho. Euron encontrava-se em pé junto à janela, bebendo de uma taça de prata. Usava o manto de zibelina que tirara a Blacktyde, a pala de couro e nada mais.

— Quando era rapaz, sonhei que podia voar — anunciou. — Quando acordei, não podia... ou pelo menos foi o que o mestre disse. Mas e se ele mentiu?

Victarion sentia o cheiro do mar que entrava pela janela aberta, embora o quarto fedesse a vinho, sangue e sexo. O frio ar salgado ajudou a limpar-lhe a cabeça.

— Que queres tu dizer com isso?

Euron virou-se para o encarar, com os magoados lábios azuis encurvados num meio sorriso.

— Talvez possamos voar. Todos nós. Como saberemos a menos que saltemos de uma torre alta qualquer? — O vento entrava em rajadas pela janela e sacudia-lhe o manto de zibelina. Havia algo de obsceno e perturbador na sua nudez. — Não há homem nenhum que realmente saiba o que pode fazer a menos que se atreva a saltar.

— Está ali a janela. Salta. — Victarion não tinha paciência para aquilo. A mão ferida estava a incomodá-lo. — O que é que tu queres?

— O mundo. — A luz da lareira cintilou no olho de Euron. O seu olho sorridente. — Aceitas uma taça do vinho do Lorde Hewett? Não há vinho cuja doçura chegue aos calcanhares daquele que é tirado a um adversário derrotado.

— Não. — Victarion afastou o olhar. — Cobre-te.

Euron sentou-se e deu um torção ao manto, de modo a cobrir-lhe as virilhas.

— Tinha-me esquecido de como os meus nascidos no ferro são uma gente pequena e barulhenta. Quero trazer-lhes dragões, e eles gritam por uvas.

— As uvas são reais. Um homem pode empanturrar-se de uvas. O seu sumo é doce, e fazem vinho. O que fazem os dragões?

— Angústia. — O Olho de Corvo beberricou da sua taça de prata. — Uma vez tive um ovo de dragão nesta mão, irmão. Um feiticeiro de Myr jurou que conseguia fazê-lo eclodir se lhe desse um ano e todo o ouro que me pedisse. Quando me cansei das suas desculpas, matei-o. Enquanto o homem observava as entranhas a deslizar-lhe por entre os dedos, disse:

“Mas não se passou um ano.” — Soltou uma gargalhada. — Cragorn morreu, sabes?

— Quem?

— O homem que soprou o meu corno de dragão. Quando o meistre o abriu, tinha os pulmões carbonizados, negros como fuligem.

Victarion estremeceu.

— Mostra-me esse ovo de dragão.

— Atirei-o ao mar durante um dos meus humores negros. — Euron encolheu os ombros. — Ocorre-me que o Leitor não se enganava. Uma frota grande demais nunca poderá manter-se unida ao longo de uma tal distância. A viagem é longa demais, e demasiado perigosa. Só os nossos melhores navios e tripulações podem esperar viajar até à Baía dos Escravos e voltar. A Frota de Ferro.

A Frota de Ferro é minha, pensou Victarion. Nada disse.

O Olho de Corvo encheu duas taças com um estranho vinho negro que fluía espesso como mel.

— Bebe comigo, irmão. Prova isto. — Ofereceu uma das taças a Victarion.

O capitão pegou na taça que Euron não oferecera, cheirou desconfiadamente o seu conteúdo. Visto de perto, o líquido parecia mais azul do que negro. Era espesso e de aspecto oleoso, e cheirava a carne podre. Experimentou um pequeno gole, e cuspiu-o imediatamente.

— Que porcaria. Queres envenenar-me?

— Quero abrir-te os olhos. — Euron bebeu profundamente da sua taça e sorriu. — Sombra da tarde, o vinho dos magos. Encontrei um barril quando capturei uma certa galeota vinda de Qarth, que trazia também cravinho e noz-moscada, quarenta fardos de seda verde, e quatro magos que contaram uma curiosa história. Um deles ousou ameaçar-me, de modo que o matei e o dei a comer aos outros três. A princípio recusaram-se a comer da carne do amigo, mas quando ficaram suficientemente esfomeados mudaram de ideias. Os homens são carne.

Balon era louco, Aeron é mais louco, e Euron é o mais louco de todos. Victarion estava a virar-se para se ir embora quando o Olho de Corvo disse:

— Um rei tem de ter uma esposa, para lhe dar herdeiros. Irmão, tenho necessidade de ti. Irás à Baía dos Escravos trazer-me o meu amor?

Em tempos também eu tive um amor. As mãos de Victarion enrolaram-se em punhos, e uma gota de sangue caiu ao chão com um pequeno ruído. *Devia espancar-te até te deixar em sangue e dar-te a comer aos caranguejos, como fiz com ela.*

— Tu tens filhos — disse ao irmão.

— Mestiços ilegítimos, nascidos de rameiras e carpideiras.

— São frutos do teu corpo.

— Também o conteúdo do meu penico o é. Nenhum deles é digno de se sentar na Cadeira de Pedra do Mar, muito menos no Trono de Ferro. Não, para fazer um herdeiro que o mereça, preciso de uma mulher diferente. Quando a lula gigante casa com o dragão, irmão, que o mundo se acautele.

— Que dragão? — disse Victarion, franzindo o sobrolho.

— A última da sua linhagem. Dizem que é a mais bela mulher do mundo. O cabelo é louro prateado, e os olhos ametistas... mas não precisas de aceitar a minha palavra, irmão. Vai até à Baía dos Escravos, contempla a sua beleza, e trá-la até mim.

— Por que haveria de o fazer? — quis saber Victarion.

— Por amor. Por dever. Porque o teu rei to ordena. — Euron soltou um risinho abafado. — E pela Cadeira de Pedra do Mar. É tua, assim que eu reclame para mim o Trono de Ferro. Suceder-me-ás como eu sucedi a Balon... e os teus filhos legítimos suceder-te-ão um dia.

Os meus filhos. Mas para ter um filho legítimo, um homem tinha primeiro de ter uma esposa. Victarion não tinha sorte com as esposas. *Os presentes de Euron estão envenenados,* recordou a si próprio, *mas ainda assim...*

— A opção é tua, irmão. Vive como servo ou morre como rei. Atreves-te a voar? Se não deres o salto, nunca saberás.

O olho sorridente de Euron estava brilhante de troça.

— Ou será que estou a pedir demasiado de ti? Velejar para lá de Valéria é coisa de meter medo.

— Eu seria capaz de levar a Frota de Ferro até ao inferno, se fosse necessário. — Quando Victarion abriu a mão, a palma estava rubra de sangue. — Sim, irei até à Baía dos Escravos. Descobrirei essa mulher dragão e trá-la-ei de volta. — *Mas não para ti. Tu roubaste-me a mulher e espoliaste-a, portanto eu ficarei com a tua. A mais bela mulher do mundo, para mim.*

Os campos junto das muralhas de Darry estavam de novo a ser trabalhados. As culturas queimadas tinham sido aradas, e os batedores de Sor Addam referiram ter visto mulheres nos regos a arrancar ervas daninhas, enquanto uma parelha de bois rasgava novos sulcos nos limites de um bosque próximo. Uma dúzia de homens barbudos com machados mantinha-se de guarda enquanto o trabalho avançava.

Quando Jaime e a sua coluna chegaram ao castelo, todos tinham fugido para dentro das muralhas. Foi encontrar Darry fechado para si, tal como Harrenhal estivera. *Gelidamente acolhido pelo meu próprio sangue.*

— Fazei soar o corno — ordenou. Sor Kennos de Kayce pegou no Corno de Herrock que trazia a tiracolo e fê-lo soar. Enquanto esperava por uma resposta vinda do castelo, Jaime observou o estandarte que flutuava, em castanho e carmim, por sobre a barbacã do primo. Aparentemente, Lancel decidira esquartelar o leão de Lannister com o lavrador de Darry. Viu naquilo a mão do tio, tal como na escolha de noiva para Lancel. A Casa Darry governava aquelas terras desde que os ándalos derrubaram os Primeiros Homens. Não havia dúvida de que Sor Kevan compreendera que o filho teria menos problemas se os camponeses o vissem como uma continuação da antiga linhagem, obtendo aquelas terras por direito de casamento e não por decreto real. *Kevan devia ser a Mão de Tommen. Harys Swyft é uma cavalgadura, e a minha irmã é estúpida se pensa que não.*

Os portões do castelo abriram-se lentamente.

— O meu primo não terá espaço para instalar mil homens — disse Jaime ao Varrão Forte. — Acamparemos à sombra da muralha ocidental. Quero fossos e estacas no perímetro. Ainda há bandos de foras-da-lei por estes lados.

— Teriam de ser loucos para atacar uma força tão poderosa como a nossa.

— Loucos ou esfomeados. — Até ter uma ideia mais concreta acerca desses foras-da-lei e da sua força, Jaime não se sentia inclinado a correr riscos com as defesas. — Fossos e estacas — voltou a dizer, antes de esporear Honra na direcção do portão. Sor Dermot seguiu a seu lado com o veado e leão reais, e Sor Hugo Vance com o estandarte branco da Guarda Real. Jaime atribuíra ao Ronnet Vermelho a tarefa de levar Wylis Manderly para Lagoa da Donzela, para não ter de continuar a vigiá-lo.

Pia seguia com os escudeiros de Jaime, no castrado que Peck lhe arranjava.

— É como um castelo de brincar — ouviu-a dizer. *Ela não conheceu nenhum lar além de Harrenhal*, reflectiu. *Todos os castelos no reino lhe parecerão pequenos, excepto o Rochedo.*

Josmyn Peckleton estava a dizer a mesma coisa.

— Não podes avaliá-lo por Harrenhal. O Harren Negro construiu grande demais. — Pia escutou-o com a solenidade de uma rapariga de cinco anos a receber lições da septã. *Não passa disso, uma rapariguinha num corpo de mulher, cheia de cicatrizes e assustada.* Mas Peck estava cativado por ela. Jaime suspeitava que o rapaz nunca conhecera uma mulher, e Pia ainda era bastante bonita, desde que mantivesse a boca fechada. *Não há mal se ele dormir com ela, suponho, desde que ela tenha vontade.*

Um dos homens da Montanha tentara violar a rapariga em Harrenhal, e parecera honestamente perplexo quando Jaime ordenara a Ilyn Payne que lhe cortasse a cabeça.

— Já a tive antes, um cento de vezes — não parara de dizer enquanto o obrigavam a ajoelhar-se. — Um cento de vezes, s'nhor. Todos a tivemos. — Quando Sor Ilyn presenteara Pia com a cabeça do homem, ela sorria através dos seus dentes arruinados.

Darry mudara várias vezes de mãos durante a luta, e o seu castelo fora uma vez queimado e pelo menos duas saqueado, mas, aparentemente, Lancel pouco tempo demorara a pôr as coisas em condições. Os portões do castelo estavam instalados de novo, pranchas rudes de carvalho reforçadas com tachões de ferro. Um novo estábulo estava a ser construído no local onde o antigo fora passado pelo archote. Os degraus que levavam à torre de menagem tinham sido substituídos, bem como as portadas em muitas das janelas. Pedras enegrecidas mostravam os locais onde as chamas as tinham lambido, mas o tempo e a chuva extinguiriam essas marcas.

Dentro das muralhas, besteiros percorriam os adarves, alguns com mantos carmim e elmos encimados por leões, outros com o azul e cinzento da Casa Frey. Quando Jaime atravessou o pátio a trote, galinhas fugiram de debaixo dos cascos de Honra, ovelhas baliram e camponeses fitaram-no com olhos carrancudos. *Camponeses armados*, não lhe passou despercebido. Alguns tinham gadanhas, outros bordões, outros sachos de tal forma aguçados que exibiam pontas cruéis. Também machados estavam em evidência, e vislumbrou vários homens barbudos com estrelas vermelhas de sete pontas cosidas em túnicas esfarrapadas e imundas. *Mais dos malditos pardais. De onde veio toda esta gente?*

Do tio Kevan, não viu sinal. Nem de Lancel. Só um mestre veio ao

seu encontro, com uma veste cinzenta a adejar em volta das suas pernas descarnadas.

— Senhor Comandante, Darry está honrado por esta... visita inesperada. Tendes de nos perdoar pela falta de preparativos. Tínhamos sido levados a crer que vos dirigíeis para Correrrio.

— Darry ficou-me a caminho — mentiu Jaime. *Correrrio pode esperar*. E se por acaso o cerco terminasse antes de chegar ao castelo, seria poupado à necessidade de pegar em armas contra a Casa Tully.

Desmontando, entregou Honra a um moço de estrebaria.

— Encontrarei o meu tio aqui? — Não forneceu um nome. Sor Kevan era o único tio que lhe restava, o último filho sobrevivente de Tytos Lannister.

— Não, senhor. Sor Kevan retirou-se após a boda. — O mestre puxou pelo colar de corrente, como se se tivesse tornado demasiado apertado para o seu pescoço. — Eu sei que o Lorde Lancel ficará contente por vos ver e... e a todos os vossos galantes cavaleiros. Embora me magoe confessar que Darry não pode alimentar tantos homens.

— Nós temos as nossas próprias provisões. Vós sois?...

— O Mestre Ottomore, se aprouver ao senhor. A Senhora Amerei desejaria dar-vos as boas-vindas em pessoa, mas está a tratar dos preparativos para um banquete em vossa honra. É sua esperança que vós e os vossos cavaleiros e capitães principais nos façais companhia à mesa esta noite.

— Uma refeição quente será muito bem-vinda. Os dias têm estado frios e húmidos. — Jaime passou os olhos pelo pátio, pelas caras barbudas dos pardais. *Demasiados. E também os Frey são demasiados*. — Onde poderei encontrar Pedra-Dura?

— Recebemos relatos sobre foras-da-lei na outra margem do Tridente. Sor Harwyn levou cinco cavaleiros e vinte arqueiros e foi lidar com eles.

— E o Lorde Lancel?

— Está nas suas preces. Sua senhoria ordenou-nos para nunca o incomodarmos quando está a rezar.

Ele e Sor Bonifer deverão dar-se bem.

— Muito bem. — Mais tarde haveria tempo suficiente para falar com o primo. — Levai-me até aos meus aposentos e ordenai que um banho seja preparado lá.

— Se aprouver ao senhor, instalámo-vos na Torre do Lavrador. Eu levo-vos lá.

— Eu conheço o caminho. — Jaime não era estranho àquele castelo. Ele e Cersei tinham estado ali hospedados por duas vezes, uma a caminho de Winterfell com Robert, a outra na viagem de regresso a Porto Real. Embora fosse pequeno para castelo, era maior do que uma estalagem, e tinha

boa caça ao longo do rio. Robert Baratheon nunca se mostrara relutante em impor-se à hospitalidade dos seus súbditos.

A torre era muito semelhante àquilo que dela recordava.

— As paredes continuam despidas — observou Jaime enquanto o meistre o levava ao longo de uma galeria.

— O Lorde Lancel espera um dia cobri-las com tapeçarias — disse Ottomore. — Cenas de piedade e devoção.

Piedade e devoção. Foi com dificuldade que evitou rir. As paredes também tinham estado nuas na sua primeira visita. Tyrion indicara os quadrados de pedra mais escura onde tapeçarias tinham estado penduradas. Sor Raymun podia removê-las, mas não as marcas que elas deixavam. Mais tarde, o Duende fizera deslizar uma mão-cheia de veados para as mãos de um dos criados de Darry em troca da chave da cave onde as tapeçarias em falta se encontravam escondidas. Mostrou-as a Jaime à luz de uma vela, sorrindo; retratos tecidos de todos os reis Targaryen, do primeiro Aegon até ao segundo Aenys.

— Se contar a Robert, ele talvez faça de *mim* Senhor de Darry — dissera o anão, entre gargalhadas.

O Meistre Ottomore levou Jaime até ao topo da torre.

— Espero que fiqueis aqui confortável, senhor. Há uma latrina, para quando a natureza chama. A vossa janela dá para o bosque sagrado. O quarto está ligado ao da senhora, com uma cela de criado entre ambos.

— Estes eram os aposentos do próprio Lorde Darry.

— Sim, senhor.

— O meu primo é demasiado generoso. Não pretendia pôr Lancel fora do seu próprio quarto.

— O Lorde Lancel tem dormido no septo.

A dormir com a Mãe e a Donzela, quando tem uma esposa quente mesmo para lá daquela porta? Jaime não soube se haveria de rir ou de chorar. *Talvez ande a rezar para que a picha endureça.* Em Porto Real constara que os ferimentos de Lancel o tinham deixado incapaz. *Mesmo assim, devia ter senso suficiente para tentar.* A posse das novas terras pelo primo não estaria segura até gerar um filho à sua esposa meio Darry. Jaime começava a arrepender-se do impulso que o trouxera ali. Agradeceu a Ottomore, fez-lhe lembrar o banho e mandou que Peck o acompanhasse à porta.

O quarto do senhor mudara desde a sua última visita, e não para melhor. Velhas esteiras apodrecidas cobriam o chão no lugar do bom tapete de Myr que estivera lá antes, e toda a mobília era nova e mal feita. A cama de Sor Raymun Darry fora suficientemente grande para seis pessoas, com cortinas de veludo castanho e postes de carvalho esculpidos com trepadeiras e folhas; a de Lancel era uma granulosa enxerga de palha, posta por baixo

da janela, onde a primeira luz da aurora o acordaria pela certa. Sem dúvida que a outra cama teria sido queimada, esmagada ou roubada, mas mesmo assim...

Quando a banheira chegou, o Lew Pequeno tirou as botas a Jaime e ajudou a remover a sua mão de ouro. Peck e Garrett carregaram água, e Pia arranhou qualquer coisa limpa para ensopar. A rapariga olhou-o de relance, timidamente, enquanto lhe tirava o gibão às sacudidelas. Jaime ficou desconfortavelmente consciente das curvas de ancas e seios por baixo do vestido castanho de tecido grosseiro que ela trazia. Deu por si a recordar as coisas que Pia lhe segredara em Harrenhal, na noite em que Qyburn a enviara à sua cama. *Às vezes quando estou com um homem, dissera, fecho os olhos e finjo que sois vós quem está em cima de mim.*

Sentiu-se grato quando o banho ficou suficientemente profundo para lhe esconder a ereção. Quando se baixou para dentro da água fumegante, recordou outro banho, aquele que partilhara com Brienne. Estivera febril e enfraquecido devido à perda de sangue, e o calor entontecera-o tanto que dera por si a dizer coisas que era melhor deixar por dizer. Desta vez não tinha semelhante desculpa. *Lembra-te dos teus votos. Pia é mais digna da cama de Tyrion do que da tua.*

— Vai-me buscar sabão e uma escova rija — disse a Peck. — Pia, podes deixar-nos.

— Sim, s'nhor. Obrigada, s'nhor. — Ela cobria a boca quando falava, para esconder os dentes quebrados.

— Deseja-la? — perguntou Jaime a Peck depois da rapariga sair.

O escudeiro ficou vermelho como uma beterraba.

— Se ela te quiser, toma-a. De certeza que te ensinará algumas coisas que vais achar úteis na noite de núpcias, e não é provável que arranjes um bastardo com ela. — Pia abrira as pernas para metade do exército do pai e nunca engravidara; o mais certo era que a rapariga fosse estéril. — Mas se te deitares com ela, sê bondoso.

— Bondoso, senhor? Como... como poderei eu...?

— Palavras doces. Toques gentis. Não queres casar com ela, mas enquanto estiverdes na cama trata-a como tratarias a tua noiva.

O rapaz anuiu.

— Senhor, eu... para onde posso levá-la? Nunca há sítio para... para...

— ... ficar sozinho? — Jaime fez um sorriso. — Passaremos várias horas a jantar. A palha parece cheia de grumos, mas há-de servir.

Os olhos de Peck esbugalharam-se.

— A cama de sua senhoria?

— Quando acabares hás-de te sentir também um senhor, se Pia sou-

ber o que fazer. — *E alguém devia dar algum uso àquele miserável colchão de palha.*

Quando desceu para o banquete naquela noite, Jaime Lannister usava um gibão de rico veludo fendido com pano de ouro, e uma corrente de ouro salpicada de diamantes negros. Também prendera a mão de ouro, que fora polida até mostrar um belo lustre brilhante. Aquele não era lugar apropriado para usar o branco. O dever esperava-o em Correrrio; o que o trouxera ali fora uma necessidade mais sombria.

O Grande Salão de Darry era grande só por cortesia. Mesas de montar preenchiavam-no de parede a parede e as vigas do tecto estavam negras de fumo. Jaime fora sentado no estrado, à direita da cadeira vazia de Lancel.

— O meu primo não irá juntar-se a nós para o jantar? — perguntou ao sentar-se.

— O meu senhor prefere jejuar — disse a esposa de Lancel, a Senhora Amerei. — Está doente de desgosto pelo pobre Alto Septão. — Era uma rapariga robusta de pernas longas e peitos cheios, com cerca de dezoito anos; uma rapariga saudável, pelo aspecto, embora a sua cara chupada e sem queixo fizesse lembrar a Jaime o seu falecido e não lamentado primo Cleos, que sempre tivera um certo aspecto de doninha.

Jejuar? Ainda é um idiota maior do que eu suspeitava. O primo devia andar ocupado a gerar na sua viúva um pequeno herdeiro com cara de doninha, em vez de se matar à fome. Perguntou a si próprio o que Sor Kevan poderia ter tido a dizer acerca do novo fervor do filho. Poderia ter sido esse o motivo da partida abrupta do tio?

Sobre tigelas de sopa de feijão e toucinho, a Senhora Amerei contou a Jaime como o seu primeiro marido fora morto por Sor Gregor Clegane quando os Frey ainda lutavam por Robb Stark.

— Supliquei-lhe para não ir, mas o meu Pate era, oh, *tão* corajoso, e jurou que seria ele o homem que mataria aquele monstro. Queria arranjar um grande renome para si.

Todos queremos.

— Quando eu era escudeiro disse a mim próprio que seria eu o homem que mataria o Cavaleiro Sorridente.

— O Cavaleiro Sorridente? — Ela parecia confusa. — Quem foi esse?

A Montanha da minha juventude. Com metade do tamanho e o dobro da loucura.

— Um fora-da-lei, há muito morto. Ninguém com quem vossa senhoria deva preocupar-se.

O lábio de Amerei tremeu. Lágrimas rolaram-lhe dos olhos castanhos.

— Tendes de perdoar a minha filha — disse uma mulher mais velha. A Senhora Amerei trouxera consigo uma vintena de Freys para Darry; um irmão, um tio, um tio em segundo grau, vários primos... e a mãe, que nascera Darry. — Ainda chora pelo pai.

— Foras-da-lei *mataram-no* — soluçou a Senhora Amerei. — O pai só tinha ido resgatar o Petyr Borbulha. Ele levou-lhes o ouro que pediam, mas penduraram-no na mesma.

— *Enforcaram*, Ami. O teu pai não era uma tapeçaria. — A Senhora Mariya voltou a virar-se para Jaime. — Creio que o conheciéis, sor.

— Servimos juntos, em tempos, como escudeiros, em Paço de Coddorniz. — Não chegaria ao ponto de afirmar terem sido amigos. Quando Jaime chegara, Merrett Frey era o rufia do castelo, dominando todos os rapazes mais novos. *Então tentou intimidar-me a mim*. — Ele era... muito forte. — Foi o único elogio que lhe ocorreu. Merrett fora lento, desajeitado e estúpido, mas *era* forte.

— Lutastes juntos contra a Irmandade da Mata de Rei — fungou a Senhora Amerei. — O pai costumava contar-me histórias.

O pai costumava gabar-se e mentir, queres tu dizer.

— Lutámos. — As principais contribuições do Frey para a luta tinham consistido em contrair sífilis com uma seguidora de acampamentos e ser capturado pela Cerva Branca. A rainha fora-da-lei queimara-lhe o rabo com o seu símbolo antes de o devolver, após resgate, a Sumner Crakehall. Merrett passara uma quinzena sem ser capaz de se sentar, embora Jaime duvidasse de que o ferro em brasa fosse tão desagradável como as panelas de merda que os colegas escudeiros o tinham obrigado a comer quando regressara. *Os rapazes são as criaturas mais cruéis à face da terra*. Pôs a mão de ouro em volta da taça de vinho e ergueu-a. — À memória de Merrett — disse. Era mais fácil beber ao homem do que falar dele.

Depois do brinde, a Senhora Amerei parou de chorar e a conversa à mesa virou-se para os lobos, dos de quatro patas. Sor Danwell Frey afirmou que havia mais animais na região do que até o avô conseguia recordar.

— Perderam todo o medo do homem. Alcateias atacaram a nossa coluna logística durante a viagem desde as Gémeas. Os nossos arqueiros tiveram de encher de penas uma dúzia antes dos outros fugirem. — Sor Addam Marbrand confessou que a sua coluna enfrentara problemas semelhantes no trajecto desde Porto Real.

Jaime concentrou-se na comida que tinha em frente, arrancando bocados de pão com a mão esquerda e atrapalhando-se com a taça de vinho com a direita. Observou Addam Marbrand a encantar a rapariga que tinha ao lado, observou Steffon Swyft a voltar a travar a batalha de Porto Real com pão, nozes e cenouras. Sor Kennos pôs uma criada ao colo, insistindo

para que a rapariga lhe tocasse o pífaro, enquanto Sor Dermot regalava alguns escudeiros com histórias sobre cavaleiros a vaguear pela mata de chuva. Mais ao fundo da mesa, Hugo Vance fechara os olhos. *A matutar sobre os mistérios da vida*, pensou Jaime. *Ou isso, ou a dormir entre um prato e o seguinte*. Voltou a virar-se para a Senhora Mariya.

— Os foras-da-lei que mataram o vosso esposo... foi o bando do Lorde Beric?

— Foi o que pensámos a princípio. — Embora o cabelo da Senhora Mariya estivesse pintalgado de grisalho, ainda era uma mulher de aspecto agradável. — Os assassinos dispersaram-se quando saíram de Pedravelhas. O Lorde Vypren seguiu um bando até Feirajusta, mas perdeu-lhe aí o rasto. O Walder Negro levou cães de caça e caçadores para o Atoleiro da Bruxa atrás dos outros. Os camponeses negaram tê-los visto, mas quando foram interrogados intensamente cantaram uma cantiga diferente. Falaram de um homem só com um olho e de outro que usava um manto amarelo... e de uma mulher, coberta por manto e capuz.

— Uma mulher? — Julgaria que a Cerva Branca tivesse ensinado Merrett a manter-se longe de raparigas foras-da-lei. — Também havia uma mulher na Irmandade da Mata de Rei.

— Eu sei. — *E como não*, sugeria o seu tom de voz, *se ela deixou a sua marca no meu marido?* — A Cerva Branca era jovem e bela, segundo dizem. Esta mulher encapuzada não é nem uma coisa, nem outra. Os camponeses queriam fazer-nos crer que a sua cara estava rasgada e cheia de cicatrizes, e que os seus olhos eram terríveis de contemplar. Dizem que liderava os foras-da-lei.

— Liderava-os? — Jaime achava difícil acreditar naquilo. — Beric Dondarrion e o sacerdote vermelho...

— ... não foram vistos. — A Senhora Mariya parecia ter a certeza.

— Dondarrion está morto — disse o Varrão-Forte. — A Montanha enfiou-lhe uma faca no olho, temos connosco homens que viram.

— Essa é uma história — disse Addam Marbrand. — Outros dir-vos-ão que o Lorde Beric não pode ser morto.

— Sor Harwyn diz que essas histórias são mentiras. — A Senhora Amerei enrolou uma trança no dedo. — Ele prometeu-me a cabeça do Lorde Beric. É muito galante. — Estava a corar por baixo das lágrimas.

Jaime recordou a cabeça que dera a Pia. Quase conseguia ouvir o risinho do seu irmão mais novo. *O que aconteceu a dar flores às mulheres?*, poderia ter perguntado Tyrion. Teria também algumas palavras seleccionadas para Harwyn Plumm, embora *galante* não tivesse sido uma delas. Os irmãos Plumm eram tipos grandes e carnudos com pescoços grossos e caras vermelhas; ruidosos e vigorosos, rápidos no riso, rápidos na ira, rápi-

dos no perdão. Harwyn era um tipo diferente de Plumm; de olhos duros e taciturno, rancoroso... e mortal, com o martelo na mão. Era um bom homem para comandar uma guarnição, mas não um homem para ser amado. *Se bem que...* Jaime fitou a Senhora Amerei.

Os criados estavam a trazer o prato de peixe, um lúcio cozido numa crosta de ervas e nozes moídas. A senhora de Lancel provou, aprovou e ordenou que a primeira porção fosse servida a Jaime. Enquanto lhe punham o peixe na frente, ela debruçou-se sobre o lugar do marido para lhe tocar na mão de ouro.

— Vós podíeis matar o Lorde Beric, Sor Jaime. Matastes o Cavaleiro Sorridente. Por favor, senhor, suplico-vos, ficai e ajudai-nos com o Lorde Beric e o Cão de Caça. — Os seus dedos pálidos acariciaram os de ouro de Jaime.

Pensará ela que eu sinto aquilo?

— Foi o Espada da Manhã quem matou o Cavaleiro Sorridente, senhora. Sor Arthur Dayne, um cavaleiro melhor do que eu. — Jaime recolheu os seus dedos de ouro e voltou a virar-se para a Senhora Mariya. — O Walder Negro seguiu essa mulher encapuzada e os seus homens até onde?

— Os cães voltaram a apanhar-lhes o cheiro a norte do Atoleiro da Bruxa — disse-lhe a mulher mais velha. — Ele jura que não estava mais de meio dia atrás deles quando desapareceram no Gargalo.

— Que apodreçam aí — declarou alegremente Sor Kennos. — Se os deuses forem bons, irão ser engolidos por areias movediças ou devorados por lagartos-leões.

— Ou acolhidos por papa-rãs — disse Sor Danwell Frey. — Eu não acharia os cranogmanos incapazes de abrigar foras-da-lei.

— Bem gostaria que fossem só eles — disse a Senhora Mariya. — Alguns dos senhores do rio andam também de mãos dadas com os homens do Lorde Beric.

— Os plebeus também — fungou a filha. — Sor Harwyn diz que os escondem e alimentam, e quando pergunta para onde foram, mentem. *Mentem* aos seus próprios senhores!

— Mandai cortar-lhes as línguas — sugeriu o Varrão Forte.

— Boa sorte em obter respostas depois disso — disse Jaime. — Se quereis a ajuda deles, tereis de fazer com que vos amem. Foi assim que Arthur Dayne fez, quando avançou contra a Irmandade da Mata de Rei. Pagou aos plebeus por aquilo que comeu, levou as suas queixas ao Rei Aerys, expandiu as pastagens em volta das suas aldeias, até lhes conquistou o direito de derrubar um certo número de árvores todos os anos e abater alguns dos veados do rei durante o Outono. O povo da floresta tinha-se virado para Toyne para o defender, mas Sor Arthur fez mais por eles do que a Ir-

mandade alguma vez podia almejar fazer, e conquistou-os para o seu lado. Depois disso, o resto foi fácil.

— O Senhor Comandante fala com sabedoria — disse a Senhora Mariya. — Nunca nos livraremos destes foras-da-lei até que os plebeus comecem a amar tanto Lancel como em tempos amaram o meu pai e avô.

Jaime deitou um relance ao lugar vazio do primo. *Mas Lancel nunca conquistará o amor deles com rezas.*

A Senhora Amerei fez beicinho.

— Sor Jaime, suplico-vos, não nos abandoneis. O meu senhor precisa de vós, e eu também. Estes tempos são tão temíveis. Há noites em que quase não consigo dormir, com medo.

— O meu lugar é junto do rei, senhora.

— Eu virei — ofereceu-se o Varrão Forte. — Depois de nos despacharmos em Correrrio, ficarei em pulgas por outra luta. Não que seja provável que Beric Dondarrion me dê luta. Lembro-me do homem de torneios passados. Era um moço bem apessoado com um manto bonito. Franzino e inexperiente.

— Isso foi antes de morrer — disse o jovem Sor Arwood Frey. — O povo diz que a morte o mudou. Podeis matá-lo, mas ele não fica morto. Como se luta com um homem assim? E também há o Cão de Caça. Ele matou vinte homens em Salinas.

O Varrão Forte soltou uma gargalhada roufenha.

— Vinte estalajadeiros gordos, talvez. Vinte criados a mijarem-se nas bragas. Vinte irmãos mendicantes com tigelas. Mas não vinte cavaleiros. Não *a mim*.

— Há um cavaleiro em Salinas — insistiu Sor Arwood. — Ele escondeu-se atrás das suas muralhas enquanto Clegane e os seus cães enlouquecidos assolavam a vila. Vós não vistes as coisas que ele fez, sor. Eu vi. Quando as notícias chegaram às Gémeas, avancei com Harys Haigh, o irmão Donnel e meia centena de homens, arqueiros e homens-de-armas. Pensávamos que aquilo fora obra do Lorde Beric, e esperávamos encontrar-lhe o rasto. Tudo o que resta de Salinas é o castelo, e o velho Sor Quincy, tão assustado que não quis abrir os portões, e falou connosco das ameias, aos gritos. O resto é ossos e cinzas. Uma vila inteira. O Cão de Caça passou os edifícios pelo archote e o povo pela espada, e foi-se embora a rir. As mulheres... não acreditaríeis no que ele fez a algumas das mulheres. Não falarei disso à mesa. Deu-me volta ao estômago vê-lo.

— Eu chorei quando ouvi contar — disse a Senhora Amerei.

Jaime beberricou do vinho.

— Como podeis ter a certeza de ter sido o Cão de Caça? — Aquilo que estavam a descrever parecia mais trabalho de Gregor do que de Sandor.

Sandor fora duro e brutal, é certo, mas o irmão mais velho é que era o verdadeiro monstro da Casa Clegane.

— Ele foi visto — disse Sor Arwood. — Aquele seu elmo não é fácil de confundir, ou de esquecer, e houve alguns que sobreviveram para contar a história. A rapariga que violou, alguns rapazes que se esconderam, uma mulher que encontramos presa por baixo de uma viga enegrecida, os pescadores que observaram a carnificina dos seus barcos...

— Não lhe chameis carnificina — disse a Senhora Mariya em voz baixa. — Isso é um insulto aos honestos carneiros de todo o lado. Salinas foi obra de um animal feroz em pele humana.

Estes tempos são para feras, reflectiu Jaime, para leões, lobos e cães rai-vosos, para corvos e gralhas pretas.

— Uma obra maligna. — O Varrão Forte voltou a encher a taça. — Senhora Mariya, Senhora Amerei, a vossa angústia comoveu-me. Dou-vos a minha palavra, assim que Correrrio caia regressarei para perseguir o Cão de Caça e matá-lo em vosso nome. Os cães não me assustam.

Este devia assustar. Ambos os homens eram grandes e poderosos, mas Sandor Clegane era muito mais rápido, e lutava com uma selvajaria que Lyle Crakehall não podia esperar igualar.

Mas a Senhora Amerei estava entusiasmada.

— Sois um verdadeiro cavaleiro, Sor Lyle, para ajudardes uma dama em dificuldades.

Pelo menos não chamou a si própria “donzela”. Jaime estendeu a mão para a taça e derrubou-a. A toalha de mesa em linho bebeu o vinho. Os seus companheiros fingiram não reparar na mancha vermelha que se espalhava. *Cortesia de mesa de honra,* disse a si próprio, mas sabia mesmo a piedade. Ergueu-se de súbito.

— Senhora. Peço que me deis licença.

A Senhora Amerei pareceu magoada.

— Quereis deixar-nos? Ainda há veado, e capões recheados com cogumelos.

— Muito bons, sem dúvida, mas não seria capaz de dar nem mais uma dentada. Tenho de falar com o meu primo. — Com uma vénia, Jaime deixou-os entregues à sua comida.

Também no pátio havia homens a comer. Os pardais tinham-se reunido em volta de uma dúzia de fogueiras para aquecer as mãos contra o frio do ocaso e vigiar gordas salsichas que chiavam e pingavam sobre as chamas. Não podiam ser menos de cem. *Bocas inúteis.* Jaime perguntou a si próprio quantas salsichas o primo pusera de parte e como tencionava alimentar os pardais depois dos seus homens se irem embora. *Quando chegar o Inverno estarão a comer ratazanas, a menos que consigam uma*

colheita. Com o Outono tão avançado, as hipóteses de mais uma colheita não eram boas.

Encontrou o septo depois do pátio interno do castelo; um edifício sem janelas, de sete lados e parcialmente construído em madeira, com portas de madeira entalhada e um telhado de telha. Três pardais encontravam-se sentados nos degraus. Quando Jaime se aproximou, ergueram-se.

— Onde ides, s'nhor? — perguntou um deles. Era o mais pequeno dos três, mas tinha a barba maior.

— Lá dentro.

— Sua senhoria está lá, a rezar.

— Sua senhoria é meu primo.

— Bem, nesse caso, s'nhor — disse outro pardal, um homem enorme e calvo com uma estrela de sete pontas pintada por cima de um olho — não quereis incomodar o vosso primo nas suas preces.

— O Lorde Lancel está a pedir orientação ao Pai no Céu — disse o terceiro pardal, o que não tinha barba. Um rapaz, pensara Jaime, mas a voz dela identificava-a como uma mulher, vestida de trapos sem forma e um lorigão ferrugento. — Está a rezar pela alma do Alto Septão e de todos os outros que morreram.

— Amanhã continuarão mortos — disse-lhe Jaime. — O Pai no Céu tem mais tempo do que eu. Sabeis quem sou?

— Um lorde qualquer — disse o grandalhão com o olho estrelado.

— Um aleijado qualquer — disse o pequeno com a grande barba.

— O Regicida — disse a mulher — mas nós não somos reis, somos só Pobres Companheiros, e vós não podeis entrar, a menos que sua senhoria diga que podeis. — Sopesou uma moca com espigões, e o homem pequeno ergueu um machado.

As portas atrás deles abriram-se.

— Deixai o meu primo passar em paz, amigos — disse Lancel em voz baixa. — Tenho estado à espera dele.

Os pardais deram um passo para o lado.

Lancel parecia ainda mais magro do que em Porto Real. Estava descalço, e vestido com uma túnica simples de lã não tingida que o fazia assemelhar-se mais a um pedinte do que a um lorde. Rapara o cocuruto da cabeça até o deixar liso, mas a barba crescera-lhe um pouco. Chamar-lhe penugem de pêssego teria sido insultuoso para o pêssego. Combinava estranhamente com o cabelo branco que lhe rodeava as orelhas.

— Primo — disse Jaime quando ficaram sós dentro do septo — perdeste o raio do juízo?

— Prefiro dizer que encontrei a minha fé.

— Onde está o teu pai?

— Foi-se embora. Discutimos. — Lancel ajoelhou perante o altar do seu outro Pai. — Quereis rezar comigo, Jaime?

— Se eu rezar bem o Pai dá-me uma mão nova?

— Não. Mas o Guerreiro dar-vos-á coragem, o Ferreiro emprestar-vos-á força, e a Velha dar-vos-á sabedoria.

— É duma mão que preciso. — Os sete deuses erguiam-se por cima de altares esculpidos, cuja madeira escura brilhava à luz das velas. Um ténue cheiro a incenso pairava no ar. — Dormes aqui em baixo?

— Todas as noites faço a cama junto a um altar diferente, e os Sete enviam-me visões.

Baelor, o Abençoado, também tivera em tempos visões. *Especialmente quando jejuava.*

— Há quanto tempo não comes?

— A fé é toda a nutrição de que necessito.

— A fé é como papas de aveia. É melhor com leite e mel.

— Sonhei que viríeis. No sonho sabíeis o que eu tinha feito. Como pequei. Matastes-me por isso.

— É mais provável que sejas tu a matar-te com todos estes jejuns. Não foi Baelor, o Abençoado, que foi em jejum até ao ataúde?

— As nossas vidas são chamadas de vela, segundo a *Estrela de Sete Pontas*. Qualquer aragem vadia pode apagar-nos. A morte nunca está longe neste mundo, e sete infernos esperam os pecadores que não se arrependem dos seus pecados. Rezaí comigo, Jaime.

— Se o fizer, comes uma tigela de papas? — Quando o primo não respondeu, Jaime suspirou. — Devias estar a dormir com a tua mulher, não com a Donzela. Precisas de um filho com sangue Darry se quiseses manter este castelo.

— Uma pilha de pedras frias. Nunca a pedi. Nunca a desejei. Só desejava... — Lancel estremeceu. — Que os Sete me salvem, mas eu desejava ser vós.

Jaime teve de rir.

— É melhor ser eu do que o Abençoado Baelor. Darry precisa de um leão, primo. E a nossa pequena Frey também. Ela fica húmida entre as pernas sempre que alguém menciona o Pedra-Dura. Se ainda não se deitou com ele, deitará em breve.

— Se o ama, desejo-lhes felicidade um com o outro.

— Um leão não devia ter cornos. Tomaste a rapariga como esposa.

— Disse algumas palavras e dei-lhe um manto vermelho, mas só para agradar ao pai. O casamento requer a consumação. O Rei Baelor foi obrigado a casar com a irmã Daena, mas nunca viveram como marido e mulher, e ele pô-la de lado assim que foi coroado.

— O reino teria ficado melhor servido se ele tivesse fechado os olhos e fodido a irmã. Sei história suficiente para saber disso. Seja como for, não é provável que te confundam com Baelor, o Abençoado.

— Pois não — concedeu Lancel. — Ele era um espírito raro, puro, bravo e inocente, intocado por todo o mal do mundo. Eu sou um pecador, com muitíssimo a expiar.

Jaime pousou a mão no ombro do primo.

— O que sabes tu de pecado, primo? Eu matei o meu rei.

— O homem corajoso mata com uma espada, o cobarde com um odre de vinho. Somos ambos regicidas, sor.

— Robert não era um verdadeiro rei. Há até quem diga que o veado é a presa natural do leão. — Jaime conseguia sentir os ossos sob a pele do primo... e também mais qualquer coisa. Lancel estava a usar um cilício por baixo da túnica. — Que mais fizeste que requiera tanta expiação? Diz-me.

O primo baixou a cabeça, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

Essas lágrimas foram toda a resposta de que Jaime precisou.

— Mataste o rei — disse — e depois fodeste a rainha.

— Eu nunca...

— ... te deitaste com a minha querida irmã? — *Di-lo. Di-lo!*

— Nunca derramei a minha semente dentro... dentro de...

— ... da cona? — sugeriu Jaime.

— ... do ventre — concluiu Lancel. — Não é traição, a menos que se termine lá dentro. Dei-lhe conforto, depois de o rei morrer. Vós estáveis cativo, o vosso pai encontrava-se em campo, e o vosso irmão... ela tinha medo dele, e com bons motivos. Ele obrigou-me a trai-la.

— Ah obrigou? — *Lancel, Sor Osmund e quantos mais? Seria a parte acerca do Rapaz Lua só um sarcasmo?* — Forçaste-a?

— *Não!* Eu amava-a. Queria protegê-la.

Querias ser eu. Os seus dedos fantasma fizeram-lhe comichão. No dia em que a irmã viera à Torre da Espada Branca para lhe suplicar que renunciasse aos seus votos, rira-se depois dele a recusar, e vangloriara-se de lhe ter mentido mil vezes. Jaime tomara aquilo como uma tentativa desajeitada de o ferir como ele a ferira. *Pode ter sido a única coisa verdadeira que ela alguma vez me disse.*

— Não pensem mal da rainha — suplicou Lancel. — Toda a carne é fraca, Jaime. Nenhum mal proveio do nosso pecado. Nenhum... nenhum bastardo.

— Pois. Os bastardos raramente são feitos na barriga. — Perguntou a si próprio o que o primo diria se confessasse os seus pecados, as três traições a que Cersei dera os nomes de Joffrey, Tommen e Myrcella.

— Fiquei zangado com Sua Graça depois da batalha, mas o Alto Septão disse que eu devia perdoá-la.

— Ah confessaste os teus pecados a Sua Alta Santidade?

— Ele rezou por mim quando fui ferido. Era um bom homem.

É um homem morto. Fizeram soar os sinos por ele. Perguntou a si próprio se o primo faria alguma ideia do fruto que as suas palavras tinham gerado.

— Lancel, és um maldito tolo.

— Não vos enganais — disse Lancel — mas a minha tolice ficou para trás, sor. Pedi ao Pai no Céu para me mostrar o caminho, e ele mostrou. Vou renunciar a esta senhoria e a esta esposa. Pedra-Dura pode ficar com ambas, se quiser. Amanhã regressarei a Porto Real e ajuramentarei a espada ao novo Alto Septão e aos Sete. Pretendo proferir votos e juntar-me aos Filhos do Guerreiro.

O rapaz não estava a fazer sentido.

— Os Filhos do Guerreiro foram proscritos há trezentos anos.

— O novo Alto Septão fê-los renascer. Emitiu um chamado aos guerreiros de mérito para colocarem as vidas e as espadas ao serviço dos Sete. Os Pobres Companheiros também serão restaurados.

— Porque haveria o Trono de Ferro de permitir tal coisa? — Jaime lembrava-se de que um dos primeiros reis Targaryen lutara durante anos para suprimir as duas ordens militares, embora não recordasse qual. Maegor, talvez, ou o primeiro Jaehaerys. *Tyrion saberia.*

— Sua Alta Santidade escreveu que o Rei Tommen deu o seu consentimento. Eu mostro-vos a carta, se quiserdes.

— Mesmo se isso for verdade... és um leão do Rochedo, um senhor. Tens esposa, castelo, terras a defender, pessoas a proteger. Se os deuses forem bons, terás filhos do teu sangue para te suceder. Porque deitarias tudo isso fora em troca... em troca de um voto qualquer?

— Porque o fizestes vós? — perguntou Lancel em voz baixa.

Por honra, poderia ter dito Jaime. Por glória. Mas teria sido mentira. A honra e a glória tinham desempenhado os seus papéis, mas a maior parte do motivo fora Cersei. Uma gargalhada escapou-se dos seus lábios.

— Vais correr para junto do Alto Septão, ou da minha querida irmã? Reza por isso, primo. Reza *muito*.

— Rezareis comigo, Jaime?

Olhou em volta, para os deuses do septo. A Mãe, cheia de misericórdia. O Pai, severo em julgamento. O Guerreiro, com uma mão sobre a espada. O Estranho, nas sombras, com a cara meio humana escondida sob uma capa com capuz. *Julgava que eu era o Guerreiro e Cersei a Donzela, mas ela foi todo o tempo o Estranho, escondendo o seu verdadeiro rosto do meu olhar.*

— Reza por mim, se quiseres — disse ao primo. — Eu esqueci todas as palavras.

Os pardais ainda esvoaçavam em volta dos degraus quando Jaime voltou a sair para a noite.

— Obrigado — disse-lhes. — Agora sinto-me muito mais santo.

E foi em busca de Sor Ilyn e de um par de espadas.

O pátio do castelo estava cheio de olhos e ouvidos. Para lhes fugir, demandaram o bosque sagrado de Darry. Ali não havia pardais, só árvores nuas a cismar, com ramos negros que arranhavam o céu. Um tapete de folhas mortas rangia sob os seus pés.

— Vedes aquela janela, sor? — Jaime usou uma espada para apontar. — Ali era o quarto de Raymun Darry. Onde o Rei Robert dormiu, no nosso regresso de Winterfell. A filha de Ned Stark tinha fugido depois do seu lobo ter atacado Joff, haveis de vos lembrar. A minha irmã quis que a rapariga perdesse uma mão. A velha punição, por bater em alguém de sangue real. Robert disse-lhe que era cruel e louca. Levaram metade da noite a discutir... bem, Cersei discutiu, e Robert bebeu. Já depois da meia-noite, a rainha chamou-me. O rei estava sem sentidos, a ressonar no tapete de Myr. Perguntei à minha irmã se queria que eu o levasse para a cama. Ela disse-me que devia levá-la a ela para a cama, e desembaraçou-se do roupão. Possuí-a na cama de Raymun Darry depois de passar por cima de Robert. Se Sua Graça tivesse acordado, eu tê-lo-ia morto naquele momento e local. Não seria o primeiro rei a morrer pela minha espada... mas vós conheceis essa história, não é verdade? — Golpeou um ramo de árvore, partindo-o ao meio. — Enquanto a fodia, Cersei gritou: “Eu *quero*”. Julguei que se referia a mim, mas o que ela queria era a rapariga Stark, mutilada ou morta. — *As coisas que eu faço por amor.* — Foi só por sorte que os homens dos Stark encontraram a rapariga antes de mim. Se eu tivesse dado com ela primeiro...

As marcas de bexigas no rosto de Sor Ilyn eram buracos negros à luz do archote, tão escuras como a alma de Jaime. Fez aquele som de estalar.

Está a rir-se de mim, compreendeu Jaime Lannister.

— Tanto quanto sei, também tu fodeste a minha irmã, seu bastardo de cara bexigosa — cuspiu. — Bem, fecha a merda da boca e mata-me, se conseguires.